

Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga*

Manuela DELGADO

Resumo:

Neste artigo dá-se a conhecer duas produções cerâmicas romanas, muito abundantes em Braga, que têm de comum apresentarem um engobe vermelho não vitrificável. A primeira destas produções imita o tipo de engobe e formas da produção conhecida pela designação "Pompejanisch-roten Platten"; a segunda caracteriza-se por imitar, com bastante perfeição, formas da "Terra sigillata hispânica" e "Terra sigillata clara D".

Abstract:

In this article it's written about two Roman wares which are very frequent in Braga. They both have in common a non vitrifiable red slip. The former imitates the slip and forms of the so known "Pompejanish-roten Platten" products; the later copies carefully some "Terra sigillata hispânica" and some "African red slip ware" ("Terra sigillata clara D") forms.

Palavras chave:

Cerâmica Romana; Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável; Bracara Augusta.

Key words:

Roman pottery; Non vitrifiable red slip ware; Bracara Augusta.

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente a designação de cerâmica comum foi dada a todas as produções que não fossem sigillatas e que ficaram, assim, reduzidas a uma amálgama de fragmentos difíceis de caracterizar e considerados de reduzido interesse local.

Com o desenvolvimento da investigação, e por vias diversas, conjuntos de cerâmicas

* É com grande gosto que apresento os meus agradecimentos:

- a António Tavares que, uma vez mais e com a simpatia de sempre, se dispôs a dar-nos muitas horas do seu tempo para nos aconselhar na distinção de pastas e engobes;
- a José d'Encarnação que, com a disponibilidade a que já nos habituou, de imediato concordou em enviar um comentário escrito sobre a marca do prato nº 1, que inserimos no texto;
- a Francisco Queiroga que nos permitiu examinar o prato do Castro das Ermidas, nos forneceu o desenho e, espontaneamente, nos convidou a publicá-lo;
- a Enrique Alcorta Irastorza, "the last, but not the least", pelo espírito de colaboração que nunca deixou de manifestar-nos, com o envio de amostras, indicações bibliográficas, informações sobre os resultados da sua própria investigação no âmbito destas cerâmicas.

Os desenhos dos fragmentos apresentados são da autoria de Fernando Barbosa, desenhador do quadro do Museu Regional da Arqueologia D. Diogo de Sousa.

foram emergindo daquela amálgama inicial, alguns dos quais pela simples força dos seus atributos que permitiram imediatamente distingui-los e facilmente caracterizá-los. Foi o caso da produção de engobe interno vermelho pompeiano, conhecida pela designação de *pompejanisch-roten Platten* e da produção da chamada *cerâmica bracaraense* para só referir uma das produções de cerâmica comum de maior êxito e mais larga difusão e outra que, como o nome indica, foi pela primeira vez identificada em Braga¹. É também o caso das *cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável* que constituem objecto desta notícia.

Contam-se por cerca de duas dezenas de milhar os fragmentos de cerâmicas com engobes vermelhos não vitrificáveis até hoje encontrados em Braga, provenientes de diversas zonas distribuídas por toda a área outrora ocupada pela cidade romana.

A mesma técnica de fabrico e o carácter não vitrificável do engobe vermelho são o denominador comum destas cerâmicas que permite, de imediato, distingui-las e pressupor a existência duma tradição tecnológica que, vinda desde o séc. I d.C., se prolongou, sem interrupções aparentes, até meados do séc. V d.C. Esta tradição não foi apenas longa no tempo mas também diversificada na louça que produziu.

Sendo nosso objectivo fazer uma primeira caracterização destas cerâmicas, indispensável a uma segunda fase de investigação que implicará, necessariamente, apoio laboratorial, começámos por observar todos os fragmentos com aquele tipo de engobe provenientes de diferentes zonas de escavação, previamente seleccionadas em função da sua distribuição por toda a área outrora ocupada pela cidade romana. Algumas destas zonas foram já amplamente escavadas como é o caso da zona das Carvalheiras (4) ocupada por uma ínsula situada no quadrante noroeste da cidade; da zona das antigas Cavalariças (7) correspondente, muito provavelmente, a outra zona de ínsulas, no quadrante sudeste e das Termas (5) do Alto da Cividade, no tabuleiro superior do quadrante sudoeste.

Foram também considerados os fragmentos provenientes de intervenções realizadas nas zonas do Cardoso da Saudade (1) e 25 de Abril (3): a primeira correspondia a uma área residencial romana situada no quadrante nordeste, junto ao actual Largo Paulo Orósio onde a tradição diz ter existido o Fórum; a zona 25 de Abril, cuja intervenção confirmou vários alinhamentos de muros romanos detectados por anteriores prospecções geofísicas, situada na metade sul da cidade junto ao troço de muralha já posto a descoberto (Est. X).

Consideramos ainda os fragmentos correspondentes a achados ocasionais ou provenientes de intervenções pontuais realizadas no Alto da Cividade, anteriormente a 1976, porque alguns desses fragmentos permitiram atribuir cronologias e reconstituir formas, importantes para a caracterização destas produções. Pela mesma razão se examinaram os fragmentos de engobe vermelho provenientes das escavações realizadas na vila romana de Póvoa de Lanhoso situada a cerca de 15 Km de Braga, por conseguinte, na área de influência de *Bracara Augusta*.

A apreciação global destes fragmentos permitiu pôr em evidência a existência de produções cerâmicas distintas que devem ser tratadas separadamente.

Para além da produção *pompejanisch-roten Platten* cuja presença é, todavia, diminuta

¹ A propósito desta produção ver J. J. R. Sousa (1971: 451-455); A. Alarcão (1965: 45-50; 1976: 92-109).

em Braga, seleccionamos dois conjuntos que se distinguem por imitarem, respectivamente, aquela produção e formas das sigillatas hispânicas e sigillata clara D.

Desnecessário será explicar que o valor que tais referências acrescentam a estas imitações está na base da prioridade dada ao seu estudo.

2. APRESENTAÇÃO

Para facilidade de apresentação inserimos as produções aqui representadas em dois grupos distintos:

- Grupo I: 1º – Importações da produção *pompejanisch-roten Platten*
2º – Imitações daquela produção

Grupo II: Produções que imitam formas das sigillatas hispânicas e da sigillata clara D.

Os fragmentos constantes desta notícia, pelo seu reduzido número em relação à quantidade do material observado, são apresentados, como se pode perceber, a título exemplificativo das formas encontradas e dos fabricos individualizados.

O critério de apresentação não é o mesmo para os dois Grupos, como justificamos na pequena nota introdutória a cada um deles.

Os fragmentos são identificados por um número de catálogo que se mantém constante nas estampas e no texto. Os desenhos dos fragmentos decorados são apresentados na escala 1:2, os restantes na escala 1:3.

A identificação de cada pasta é feita sempre por dois elementos: um algarismo romano, referente ao Grupo em que ela se insere e um algarismo árabe que a individualiza dentro desse Grupo.

Para descrição das cores das pastas e engobes utilizámos o “*Code des couleurs des sols*” de A. Cailleux (Paris, Editions N. Boubée et Cie).

3. GRUPO I

Neste Grupo I reunimos diversos vasos cujas características os relacionam, mais ou menos directamente, com a produção *pompejanisch-roten Platten*. Apresentamos, assim, um prato que admitimos pertencer àquela produção (nº 1) e oito vasos (nºs 2-9) exemplificativos das imitações encontradas, até hoje, em Braga. Independentemente de considerarmos que o critério possa ser discutível, gostaríamos de esclarecer que, no âmbito desta notícia, consideramos como imitações da produção *pompejanisch-roten Platten*, não qualquer vaso que imite uma ou outra forma dessa produção, mas exclusivamente aqueles que, podendo possuir formas originais, como é o caso dos nºs 6-9, apresentam a mesma técnica de fabrico e as mesmas características de engobe.

3.1. IMPORTAÇÕES

Esta produção começou em 220 a.C., na Etrúria ou no *Lácio*, a julgar pela cronologia do numeroso material encontrado em Bolsena que inclui as formas mais antigas até então conhecidas (Goudineau 1970: 183-184).

A pasta, grosseira, geralmente dura, era conseguida a partir de argilas não vitrificáveis e com um alto teor de ferro que permitiam obter um engobe vermelho, mesmo no caso da cozedura ser feita em meio redutor; este engobe admitia uma espessura considerável por não correr o risco de estalar sob a acção de temperaturas excessivas como era o caso do engobe das sigillatas; esse engobe era sempre, todavia, um pouco poroso e nunca naturalmente brilhante; em compensação, a sua espessura suportava polimentos mais ou menos fortes, conforme a intensidade do brilho que se pretendesse dar à superfície.

As formas desta produção resumiam-se a pratos e respectivos testos, usados para cozer pão ou cozinhar diversos alimentos preparados à base de farinhas; o engobe, que revestia apenas as paredes internas e bordos, impedia que esses alimentos “pegassem”. A parede e fundo externos não engobados apresentam-se enegrecidos em resultado de terem sido utilizados no forno ou sobre o lume.

Esta loiça modesta e certamente barata teve um enorme êxito, devido, sem dúvida, à técnica simples do seu fabrico e à sua perfeita adequação aos fins para que fora produzida. Assim se explica que no tempo de Augusto ela se encontre já difundida por todo o Império. Esta expansão não se processou a partir de um único centro de produção, mas de vários, como análises laboratoriais vieram confirmar².

Isso explicaria, como sugere Goudineau, a persistência desta produção, nalgumas províncias, até à primeira metade do século IV quando noutras já havia muito tinha desaparecido (Goudineau 1970: 166-168).

Provenientes das escavações realizadas em Braga encontramos apenas dois pequenos fragmentos de fundos de dois pratos que, pelas características do engobe e da composição vulcânica da pasta poderiam ser originárias da Campânia. As reduzidas dimensões dos fragmentos não justificavam a sua ilustração.

O prato nº 1 provém do castro das Ermidas (V. Nova de Famalicão, distrito de Braga) e uma boa fotografia a cores da marca impressa no fundo interno foi já publicada num desdobrável sobre “Arqueologia e História” editado pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. A sua inclusão nesta notícia que deveria, em princípio, contemplar apenas o material proveniente de Braga, pareceu-nos justificável pela presença duma marca que é também, tanto quanto supomos saber, a primeira conhecida em Portugal.

Este prato integra-se na forma Oberaden 21, datada, em Oberaden, entre 8 e 12 a.C.; esta forma reapareceu em Hofheim nas épocas de Cláudio e Vespasiano, para persistir com sucessivas variações do perfil até à 1ª metade do séc. IV, a julgar pelos achados de Niederbieber (Goudineau 1970: 181, Pl. I, II e III).

² A propósito de possíveis diferentes centros de produção ver Peacock (1977: 147-161); J. Th. Peña (1990: 647-661).

José d'Encarnação fez a leitura da marca e os comentários que a mesma lhe sugere e que passamos a transcrever:

"A marca EORI pode ser alto-imperial e itálica.

Em primeiro lugar, a identificação da oficina por siglas – em vez das, mais vulgares, abreviaturas EX OF. – pode indiciar um público já bem consciente do significado dessas siglas, o que raramente aconteceria nas províncias.

Em segundo lugar, não é comum a abreviatura RI. Dos raros nomes começados por RI destaco dois, possíveis ambos com a mesma conotação: Riparius e Ripanus, antropónimos derivados, na sua origem, de ripa, «margem», circunstância que, aliás, bem se adequa a um oleiro, porquanto boa parte das oficinas se situavam nas margens do rio (vidé, por exemplo o que sucede nos estuários do Tejo e do Sado). Ora, de Riparius não conheço testemunhos na Península e, quanto me é dado saber, trata-se de cognome assaz raro (Kajanto cita apenas dois exemplos no conjunto do CIL); Ripanus já é mais corrente no mundo romano (20 exemplos no conjunto do CIL, segundo Kajanto), embora também na Península apenas haja a registar um caso, em Alcolea del Rio (Sevilha)."

3.2. IMITAÇÕES

3.2.1. IMITAÇÕES DO PRATO OBERADEN 21

Os vasos n.ºs 2-5, aqui apresentados a título exemplificativo, de muitos outros idênticos encontrados em Braga, copiam o prato Oberaden 21 de que se conhecem muitas outras imitações, em fabricos locais de Braga que não cabem nesta notícia.

Destes exemplares, o n.º 2 é o que se aproxima mais do tipo original, diferindo os outros ou pelo bordo, a tender demasiado para uma forma triangular, ou pela parede pouco encurvada, se não mesmo quase rectilínea como é o caso do n.º 5 cujo perfil se assemelha a um prato proveniente de Nimègue, considerado posterior a 15 d.C. (Goudineau 1970: Pl. II n.º 27).

Como na maioria dos pratos encontrados em Braga, estes quatro exemplares têm fundos internos lisos e os externos com várias caneluras concêntricas que podem ir até sete, como acontece no prato n.º 4. Apenas este prato e o n.º 2 apresentam as paredes e os fundos enegrecidos.

A existência em Braga e noutros sítios de um número significativo de pratos cujas paredes e fundos externos não mostram sinais de terem tido uma função culinária, significa, certamente, que alguns deles acabaram por ser utilizados para fins diversos, como, por exemplo, servir alimentos sólidos que, eventualmente, necessitassem de ser cortados. Esta possível utilização poderia explicar a presença de traços irregulares gravados nos fundos internos de muitos deles. Estes traços não podem ser, de modo algum, interpretados como grafitos; parece antes serem resultantes da acção de um objecto cortante que teria ferido o engobe e a própria argila dum modo insistente e irregular.

3.2.2. OUTRAS IMITAÇÕES

Os vasos nºs 6-9 não copiam qualquer das formas da produção *pompejanisch-roten Platten*. Todavia, optamos por considerá-los como imitações daquela produção pois que dela imitaram, tal como as anteriores, a técnica de fabrico, o tipo de engobe, o tratamento da superfície externa não engobada e, tal como elas, foram produzidos, muito provavelmente, para desempenharem funções semelhantes.

Os pratos nºs 6 e 7 diferem entre si em detalhes como a espessura e curvatura das paredes, em quarto de círculo ou mais alargada, a forma das abas, mais curta e abaulada ou mais larga e horizontal, mas têm de comum o fundo plano e as profundas depressões elípticas na parede interna que essencialmente os caracterizam. Não há, pois, qualquer paralelo formal entre estes pratos e as formas conhecidas dos *pompejanisch-roten Platten*. E se quiséssemos procurar-lhes modelo inspirador, teríamos antes que voltar-nos para formas das produções de sigillatas tardias. De facto, o perfil e aba do prato nº 6 podia pertencer a um prato da forma Hayes 59 (Hayes 1972: fig. 15) da sigillata clara D; depressões profundas na face interna encontram-se em dois pratos da forma Hayes 56 (Hayes 1972: fig. 13) numa produção D 1/2, provenientes das antigas escavações de Conímbriga (Delgado 1967: 128, Est. VIII, nº 98) e de Fiães da Feira (Conimbriga 1975: Pl. XI; Atlante I: 92, Tav. XL, nºs 6, 7 e 8). Idênticas depressões encontram-se também numa grande tijela, proveniente de Marselha com a forma Rigoir 3c, na produção da cerâmica paleo-cristã (Rigoir 1968: Pl. V, Marseille 9541).

As escavações de Braga forneceram, até hoje, apenas estes dois pratos para os quais não encontramos paralelos. Custa-nos, porém, aceitar que estas depressões internas possam ter sido executadas apenas com fins decorativos, sobretudo numa produção típica duma louça modesta, com uma longa tradição de uso culinário e particularmente bem adaptada a essa função. Se estes pratos apresentassem os fundos enegrecidos não hesitaríamos em admitir que eles tivessem sido usados, não como sertãs ou panelas, mas como uma espécie de formas, como aquelas com que hoje se confeccionam os nossos bolos e pudins. Acontece, porém, que a parede e fundo externos do prato nº 6 não apresentam qualquer vestígio de fuligem e o nº 8 nada nos permite concluir, dado o provável acidente de cozedura que sofreu e muito o alterou. Esta circunstância, todavia, não nos parece suficiente para abandonar aquela hipótese. Esperando que pratos idênticos possam ainda aparecer com a evidência da sua utilização no forno, admitimos que, à semelhança do que aconteceu com imitações dos *pompejanisch-roten Platten*, também estes pratos, destinados possivelmente, ao uso culinário, tivessem passado a desempenhar outras funções.

O prato nº 8 e a tijela nº 9 parece formarem um conjunto, dadas as semelhanças das respectivas formas. Estas, desconhecidas em Conímbriga, estão representadas em Braga por um significativo número de fragmentos de fundos e abas.

Nenhum destes fragmentos possui marca, ao contrário do que acontece em Lugo e noutros pontos do Norte da Península.

Em 1979 Camaño Gesto havia já publicado duas marcas inscritas, em positivo, em estreitos caixilhos rectangulares nos fundos internos de uma tijela e de um prato. A tijela, achada em Lugo, procedia da oficina de *QVINTVS* e o prato, da oficina de *RVFIANVS* segundo interpretação do autor, tinha sido encontrada em Castromao-Celanova (Orense)

(Caamaño Gesto 1979: 90-92, n°s 30 e 31, Lâm. I e fig. 1).

Posteriormente, novas marcas semelhantes, daquele e de outros oleiros, foram encontradas nas escavações urbanas de Lugo.

3.3. FABRICO

As imitações de engobe interno vermelho pompeiano aqui apresentadas têm de comum o engobe vermelho, espesso ou medianamente espesso, polido ou levemente polido, mate ou com um ligeiro brilho e bem conservado; a cor varia entre o vermelho sombrio (T11 e T13) e o vermelho veneza (S19/20). Este engobe cobre a superfície interna dos vasos, o bordo e uma banda, geralmente muito regular, na parte superior da parede externa. A superfície não engobada foi muito bem alisada e por vezes mesmo levemente polida o que a torna macia ao tacto.

Admitem três tipos de pastas de argilas micáceas que designaremos por pasta I-1, I-2 e I-3.

Pasta I-1 – Muito homogénea, é característica das imitações dos pratos Oberaden 21. Distingue-se por possuir um desengordurante escasso, muitíssimo fino, quase indiscernível à lupa de mão, com a presença de um ou outro grão menos fino. A cor é geralmente parda muito pálida (M55/70), mas também pode ser de terra siena (P49), como é o caso do prato n° 5 (n°s 2-5).

Pasta I-2 – Finamente vacuolar (o que lhe dá uma aparência arenosa fina) com desengordurante muito abundante, muito fino, com um ou outro grão menos fino e moscovite muito fina e abundante. A cor terra siena é comum, variando apenas entre terra siena natural (N55 e R49) e terra siena tostada (P39). Esta pasta é muito semelhante à pasta anterior (n°s 6 e 7).

Pasta I-3 – Desengordurante medianamente abundante, com grãos angulosos de calibres finos e médios medianamente classificados (n°s 8 e 9).

O tipo de engobe e o tratamento das superfícies externas não engobadas, comum às imitações do prato Oberaden 21 e às outras imitações exemplificadas pelos n°s 6-9, confere uma grande homogeneidade aos conjuntos de cerâmicas incluídas neste grupo I, homogeneidade que nos parece não ser significativamente alterada pelas diferenças registadas nas respectivas pastas. Interessa, todavia, referir desde já, que as pastas I-1 e I-2, próximas entre si, se assemelham a uma das pastas mais comuns de Lugo; a pasta I-3 é idêntica à pasta de uma tijela encontrada em Lugo com a marca *O CAPITO*, a julgar pela comparação feita com lupa de mão entre esta tijela e uma amostra da tijela n° 9.

Amostras de alguns pratos e tijelas com marcas provenientes de Lugo, juntamente com fragmentos de imitações de engobe pompeiano provenientes da região do alto Ebro, foram submetidas a análises laboratoriais realizadas por investigadoras da Universidade de Zaragoza, cujos resultados confirmaram a semelhança entre as pastas de diversas produções de imitação encontradas no Norte da Península Ibérica. Considerando as características particulares das argilas ao mesmo tempo que outros elementos, entre os quais a distribuição das peças com marcas de oleiro que são mais abundantes no Noroeste e vão rareando para Nordeste, os

autores admitem a hipótese de ter sido o Noroeste Peninsular a região de origem daquelas imitações³.

3.4. CRONOLOGIA

A maioria das imitações dos pratos Oberaden 21 e 22 encontrados em Conímbriga provêm de níveis flavianos e trajânicos que forneceram materiais de diversas cronologias. Os autores admitem que, considerando o perfil, alguns deles pudessem ter já existido na época claudiana; outro desses fragmentos provem de um nível datado da época de Augusto.

Em Lugo, imitações daqueles pratos e ainda formas iguais às dos nºs 8 e 9 foram datadas da 2ª metade do séc. I e 1ª metade do séc. II d.C.

Os dados estratigráficos conhecidos em Braga são de pouco auxílio para determinar a cronologia das imitações da produção de engobe interno vermelho pompeiano aqui referidas. A maioria delas, constituem achados ocasionais ou provêm de camadas superficiais de revolvimentos vários e de valas de roubo de pedra de muros romanos de várias épocas. Aquelas que procedem de contextos datáveis fornecem apenas um *terminus ante quem* pouco significativo, como é o caso do nº 8, proveniente duma camada de incêndio imediatamente anterior à camada de preparação dum solo de *opus signinum* das termas romanas, datado dos finais do séc. III d.C. De realçar que a maioria de fragmentos destas imitações provêm do Alto da Cividade onde se localizou um edifício de três naves definidas por grandes blocos que foram reutilizados na construção das termas flávias.

4. GRUPO II

Os vasos incluídos neste Grupo são exemplificativos de produções que têm de comum imitarem formas das sigillatas hispânicas alto-imperiais e tardias e sigillata clara D.

Na impossibilidade de podermos, de momento, distinguir e caracterizar fabricos com rigor – por falta de suporte laboratorial – e verificando que, com excepção da pasta II-1 qualquer das outras pastas pode ser encontrada em diversas formas, achamos preferível, ao contrário do critério seguido para o Grupo I, apresentar estes vasos tendo em consideração exclusivamente a forma e anteceder essa apresentação com a descrição das pastas encontradas e respectivos engobes.

O detalhe com que estes fragmentos são analisados e que, à primeira vista, poderia parecer excessivo para produções de imitação, tem plena justificação a nossos olhos, dada a fidelidade

³ Estes resultados foram objecto duma comunicação apresentada por aquelas investigadoras e H. J. Alcorta Irastorza, no Colóquio de Arqueometria realizado em Orleans em Abril de 1995, que foi organizado pelo "Groupe des méthodes pluridisciplinaires contribuant à l'archéologie".

Agradecemos uma vez mais a Alcorta Irastorza todas as informações que amavelmente nos forneceu sobre aquela comunicação de que ele próprio foi co-autor.

que a maioria destas imitações revela, não apenas nas formas lisas como, por exemplo, as imitações da forma Hayes 61, mas também nos motivos dos fragmentos decorados. Nesta circunstância seria injustificável que, por ausência de rigor, se perdesse a possibilidade de datar estas produções com a maior aproximação possível.

4.1. FABRICO

Pasta II-1 – Desengordurante escasso e muito fino; bastante compacta, mas sem ter a aparência de sinterização. Cor homogênea, terra siena natural ou tostada (R47 e P47).

Engobes medianamente espessos, muito brilhantes e bem conservados, cobrem totalmente as peças. A cor homogênea varia entre o vermelho inglês (R11) e o vermelho veneza (S15) (nºs 10 e 16).

Pasta II-2 – Finamente porosa, com desengordurante pouco abundante; menos compacta que a pasta anterior. Cor homogênea, terra siena tostada (P25/27, P39 e P42).

Engobes medianamente espessos, polidos geralmente com espátula mas também com seixo (nºs 14 e 47), brilhantes e bem conservados (com excepção do nº 14); cobrem toda a peça. Cor homogênea variando entre o vermelho inglês (P11) e o vermelho veneza (S13 e S19) (nºs 13, 14, 25, 29, 36, 37, 38, 47).

Pasta II-3 – Desengordurante pouco abundante, medianamente classificado, com alguns grãos de rocha e outros agregados; compacta, mas menos que a do Grupo I. Predomina a cor muito clara, ocre carne (M35) e parda muito pálida (M70).

Engobe sempre fino podendo ser muito fino ou mesmo com aspecto de simples aguada nas superfícies externas de algumas peças. A cor varia entre o vermelho inglês, de tonalidade mais ou menos clara (entre N13/R11) e o vermelho veneza (R19/20). O polimento, feito com um objecto duro, seixo ou espátula, foi pouco cuidado, deixando bem aparentes as estrias que sobressaem quando o engobe se encontra menos bem conservado; este é brilhante ou semi-brilhante na superfície interna e parte superior da aba; geralmente mate na superfície externa; cobre totalmente as peças (nºs 11, 20, 30).

Pasta II-4 – Desengordurante muito abundante, de grãos finos, angulosos, bem classificados, embora possa aparecer um ou outro muito grosseiro, sem significado na estrutura geral do desengordurante. Cor homogênea, variando entre terra siena natural (R47 e R49) e terra siena tostada (P39 e P47).

Engobes finos erodidos, com sinais de polimento, por vezes insipiente e sempre pouco cuidado. A cor varia entre o vermelho inglês escuro (R13) e o vermelho veneza mais ou menos escuro (S13, S19 e R19/20); geralmente cobre toda a peça, com excepção dos nº 25, 27 e 31, engobados apenas na superfície interna, bordo e parte superior da parede externa. Do nº 21 apenas se pode dizer que o fragmento é engobado nas duas faces. Os fragmentos com decoração estampada que pertencem a fundos de pratos e estão engobados em ambas as faces, vêm aumentar significativamente o número de peças totalmente engobadas, contrariamente ao

que acontece na produção de sigillata clara D, cujas formas são, geralmente, engobadas apenas na face interna, bordo e parte superior da parede externa (n^{os} 17, 18; 21-23; 26-28; 31, 32; 34, 35; 39-43; 45).

Pasta II-5 – Desengordurante abundante, mal classificado (com grãos finos, médios e grossos), com variada composição (quartzos, feldspato, moscovite, cerâmica moída, entre outros); alguns grãos maiores são rolados. A cor varia entre o ocre ouro tostado (R35) e terra siena (S37 e P25/27). Apenas o n^o 44 possui uma pasta clara, ocre carne (M45).

Engobe fino polido, brilhante ou semi-brilhante, aderente e geralmente bem conservado. A cor varia entre o vermelho inglês mais ou menos escuro (R11/13 e S11) e o vermelho veneza (T39) (n^{os} 12, 19, 24, 29, 33, 44).

Os fabricos incluídos neste Grupo II têm de comum um engobe vermelho não vitrificável de tonalidades não muito diversas, oscilando entre as variantes do vermelho inglês e vermelho veneza.

Ao contrário dos engobes característicos das imitações da produção pompeiana, estes não são espessos e, salvo poucas exceções, cobrem toda a peça; as superfícies externas não mostram vestígios de fuligem. Esta louça não foi, evidentemente, produzida com vista a uma funcionalidade idêntica à da louça anterior.

Mau grado as características comuns referidas, estes fabricos não têm a homogeneidade que caracteriza as produções incluídas no Grupo I, antes apresentam diferenças de pastas e engobes que, numa fase preliminar deste estudo não devem ser desvalorizadas.

Com exceção da Pasta II-5 que possui um desengordurante abundante e mal classificado, as Pastas II-1 a 4 podem considerar-se pastas com desengordurante de grão fino ou mesmo muito fino, bem classificado, menos abundante nas três primeiras pastas que são também mais compactas e mais abundante na Pasta II-4, menos compacta. A Pasta II-3 admite frequentemente uma cor muito clara e apresenta muitas vezes o interior da pasta reduzido.

Os engobes podem ser medianamente espessos, finos e mesmo muito finos. Admitem também variações igualmente extremas na qualidade do polimento, no brilho, na aderência e no estado de conservação.

Atendendo às associações que já é possível estabelecer entre as características de engobe, pastas e formas, podemos verificar que os engobes finos e muito finos, com sinais de polimento pouco cuidado feito preferencialmente com espátula, semibrilhantes ou apenas com um ténue brilho, pouco aderentes e a maior parte das vezes muito desgastados, aparecem exclusivamente nas peças com Pasta II-4, aquela, dentre as pastas de grão fino, que possui desengordurante mais abundante. Este tipo de fabrico é encontrado unicamente nas peças que imitam formas da sigillata clara D e fragmentos com decoração estampada.

A Pasta II-1 que, de todas, é a mais depurada e compacta possui um engobe medianamente espesso, intensamente polido com seixo, muito brilhante, muito aderente e em perfeito estado de conservação. Dir-se-ia que o fabricante pretendeu produzir terra sigillata. Curiosamente, este tipo de fabrico, tem aparecido até hoje, exclusivamente associado a formas de sigillatas alto-imperiais, como os n^{os} 8 e 16.

4.2. IMITAÇÕES DE TERRA SIGILLATA HISPÂNICA

Os nºs 10 e 16 imitam formas das sigillatas hispânicas alto-imperiais e tardias.

A tijela nº 10, com o bordo simples sem qualquer sugestão de lábio e o pé triangular muito baixo, é uma boa imitação da forma **Ritt. 8** da produção hispânica, típica das produções de Trício e oficinas do Norte, nos fins do séc. I e começos do séc. II. A tijela nº 11 que imita a mesma forma, não possui o pé característico da produção alto-imperial; assenta antes na aresta formada pela junção da parede com o fundo externo muito alteado.

Como este tipo de base é típico das tijelas da produção hispânica tardia podia parecer legítimo admitir que a tijela nº 11 tivesse sido produzida no decorrer do séc. IV, imitando os fundos característicos desse período. E contudo, as dimensões da tijela, a espessura da parede e o próprio perfil, são incomparavelmente mais próximos das tijelas **Ritt. 8** alto-imperiais que de qualquer das tijelas da produção hispânica tardia. Verificamos, então, que se conhecem tijelas **Ritt. 8** sem pé e com fundos realçados, em produções hispânicas com todas as características dos fabricos alto-imperiais em Vila de la Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palol 1969 e 1970: 60, nº 72) e mais recentemente em Valdeorra, província de Orense (Menéndez Llorente 1995: 63-68 e 155, Lâm. XVII, nºs 76 e 77). Nestas circunstâncias, parece-nos mais prudente considerar, em sintonia com a proposta de datação de Llorente para a tijela de Valdeorra, que a nossa tijela nº 11 seja uma imitação de tijelas **Ritt. 8** produzidas num período avançado do alto-império e de transição para as produções hispânicas tardias.

Os nºs 12 e 13 imitam a forma **Drag 37** da produção hispânica tardia. A sua semelhança com alguns exemplares desta forma, a maioria dos quais são decorados mas também alguns lisos, dispensa qualquer comentário (Mayer 1988: Pl. CCLV, nºs 121 e 123 e Pl. CCL, nº 87).

Os nºs 14 e 15 inspiram-se nos **pratéis** desta mesma produção que não são muito numerosos mas apresentam perfis muito variados (Mayer 1988: Pl. CCXL). Alguns deles, de maiores dimensões, estão associados a grandes pratos com formas idênticas. Pratéis semelhantes a estes foram também encontrados em Conímbriga (Delgado 1967: Est. I, nºs 18 e 19; Fouilles de Conimbriga, IV, 1975: Pl. LXXXIII, nºs 20 a 25).

4.2.1. CRONOLOGIA

Com excepção do nº 10 que pode atribuir-se à época flávia/inícios do séc. II, e o nº 11, à transição do séc. III para o séc. IV, como já dissemos, os outros fragmentos pertencem à produção tardia da sigillata hispânica.

Não se conhecem ainda as datas do início e da extinção desta produção cuja difusão parece ter-se limitado ao centro e norte da Península. Sabe-se, porém, que já existia nos finais do primeiro quartel do séc. IV, a julgar por alguns fragmentos decorados com pequenos motivos florais encontrados na Vila de la Olmeda (Pedrosa de la Vega – Palência), no assentamento do mosaico de Aquiles datado de 324-325, sobre o qual foram recolhidos fragmentos da mesma forma com decoração do 2º estilo decorativo⁴. As formas lisas, tijelas e pratos, com ou sem aba,

⁴ Informação de P. Palol dada na Mesa Redonda realizada em Conímbriga em 1975 (1975: 54).

aparecem em grande quantidade na necrópole de S. Miguel de Arroyo (Vale do Duero) cuja cronologia pode colocar-se entre a segunda metade do séc. IV e primeira metade do séc. V. Esta poderá ser também, por conseguinte, a cronologia da vasta série de formas lisas referidas em que podemos incluir os pratos n.ºs 14 e 15.

4.3. IMITAÇÕES DE TERRA SIGILLATA CLARA D

O Prato n.º 17 imita a forma **Hayes 58B** da produção da sigillata clara D1 (Hayes 1972: fig. 14). O fundo devia ser liso, pois, com excepção dum exemplar de St. Blaise (Lamboglia 1963: 197), esta forma ainda não possuía decoração.

Os exemplares mais antigos da forma Hayes 58 (tipo 58A) correspondem a uma fase de transição, à roda de 300, entre as anteriores produções de sigillata clara e a produção clara D que se inicia nesta altura. O tipo 58B, que surge nos inícios do séc. IV, está ainda presente em contextos de 375, mas parece não ter chegado ao final do século. Este tipo é bem exemplificativo da primeira fase da produção (D1) em que o engobe cobre ainda toda a peça como acontecia nas anteriores produções de sigillata clara.

Não pode dizer-se que os pratos n.ºs 18 e 19 imitam a forma **Hayes 59B** (Hayes 1972: fig. 15), pois nenhum deles possui a aba horizontal característica desta forma. Acontece, porém, que a aba da forma Hayes 59 admite variações diversas, não apenas no tratamento da face superior, mas também da própria inclinação: é o caso dum prato de Ventimiglia classificado por Lamboglia 51B, com uma aba muito inclinada para o exterior (Lamboglia 1950: 181, fig. 104, n.º 6) que foi considerado uma variante do tipo Hayes 59A (Hayes 1972: 197, n.º 7; Atlante I: 83, Tav. XXXIII n.º 7).

Admitimos, por isso, que estes dois pratos possam ter-se inspirado, directamente, na forma **Hayes 59** ou em exemplares doutras produções que esta forma influenciou: este poderia ser o caso do prato n.º 18 que, pela aba inclinada para o interior e sobretudo pela espessura das paredes que lhe conferem um aspecto pesado, lembra certos exemplares da Forma 1 da produção paleocristã, que foi, ela também, muito influenciada pela forma Hayes 59 (Rigoir 1968: Pl. III, Nantes).

A forma Hayes 59, que começou a ser produzida nos primeiros decénios do séc. IV, perdurou até cerca de 420, período durante o qual influenciou as produções das sigillatas tardias, hispânicas e paleocristãs derivadas das gálicas, com as quais entrou em concorrência, durante os séculos IV e V nos mercados da bacia do Mediterrâneo.

Os pratos n.ºs 21-24 imitam com bastante fidelidade a forma **Hayes 61** (Hayes 1972: figs. 16 e 17) ilustrando mesmo a normal evolução do bordo triangular típico desta forma: inicialmente pouco desenvolvido, com a face externa muito oblíqua e formando um ângulo nítido na junção com a parede do vaso (tipo **Hayes 61A**), como acontece no pratinho n.º 20 e no prato n.º 21; evolui através de variantes intermédias, como o n.º 22 (tipo **61A/B**), para bordos mais desenvolvidos, com a face externa menos oblíqua e ângulo inferior destacado da parede (tipo **61B**) como os exemplares n.ºs 23 e 24. A ausência e fracturas dos fundos não permitem saber se estes pratos possuíam ou não decoração, muito frequente na produção original. O pratinho n.º 20 tem o fundo liso, como é natural, dada a sua pequena dimensão.

A tijela n.º 25 não pode ser considerada uma verdadeira imitação da forma Hayes 61 que não inclui tijelas. Pode, porém, dizer-se que se inspirou no tipo 61B porque possui um

bordo que é perfeitamente integrável neste tipo.

A forma Hayes 61B, cujos primeiros exemplares surgem ainda no final do primeiro quartel do séc. IV, perdeu até c. 450, com naturais alterações na forma e no fabrico que não lhe abalaram o prestígio, pois que o tipo B aparecido à roda de 380, atingiu o seu apogeu na primeira metade do séc. V e perdeu até c. 450. Esta foi, certamente, a forma mais comum e com maior difusão na bacia do Mediterrâneo. Foi também a mais imitada, não apenas pelas produções das sigillatas hispânicas e paleocristãs derivadas das gálicas, mas igualmente por numerosas produções locais (Fouilles de Conimbriga IV 1975: Pl. LXXIX, n.ºs 158-174). Ela é também a forma mais imitada pela produção de engobe vermelho não vitrificável encontrada em Braga.

Os pratos n.ºs 26 e 27 imitam com fidelidade a forma Hayes 63 (Hayes 1972: fig. 18). A diferença de dimensões destes dois pratos está dentro do leque normal de variações admitidas nesta forma cujos diâmetros oscilam entre 22 e 52,5 cm. O prato n.º 27 apresenta uma decoração em banda do Estilo A(iii), datado de 420-470.

O único exemplar decorado que se conhece apresenta uma decoração radial do estilo A(ii) o que levou Hayes a datar a forma do último quartel do séc. IV (apareceu na Tunísia num contexto datado entre 360 e 440). Rara no Mediterrâneo oriental é pouco comum no Mediterrâneo ocidental e costa Atlântica.

O prato n.º 28 constitui uma boa imitação da forma Hayes 76 da produção D1 (Hayes 1972: fig. 21). O lábio é liso e não golpeado como acontece nalguns exemplares desta forma. O fragmento não permite ver se o fundo interno era decorado.

A forma original, muitas vezes lisa, podia apresentar decoração do estilo A(iii). O desenvolvimento da forma não é ainda muito claro, mas admite-se que os exemplares com o lábio golpeado possam ser mais antigos. Hayes propõe para ela uma cronologia à roda de 425-475. Foi posteriormente encontrada, na Tunísia, num estrato datado entre 360 e 440. Relativamente comum, foi identificada em toda a bacia do Mediterrâneo e costa Atlântica. Provenientes de Conímbriga conhecem-se 21 fragmentos desta forma (Delgado 1967: Est. VII, n.ºs 85 e 87-91; Fouilles de Conimbriga IV 1975, Pl. LXXI, n.º 96 e Pl. LXXII, n.ºs 92-95), alguns dos quais provêm da camada de destruição da cidade em 465/468.

Foi encontrado em Braga um prato cuja forma é, em tudo, idêntica à do n.º 28, mas produzido num fabrico local de cerâmica cinzenta tardia que frequentemente imita formas da produção derivada da gálica, paleocristã cinzenta.

A tijela n.º 29 parece imitar uma tijela referida em Atlante como forma Delgado 1968 (Atlante I: 70, Tav. XXX, n.ºs 14-16). O primeiro exemplar desta forma, proveniente de Vila Viçosa, Alentejo (Delgado 1968: 57, Est. III, n.º 1) possui um diâmetro de 150 mm, um pé baixo e um bordo em forma de aba, idêntico ao da forma Hayes 67 produzida em sigillata clara D. Novos exemplares da mesma forma, provenientes das escavações luso-francesas de Conímbriga (Fouilles de Conimbriga IV 1975: 264-265, Pl. LXX, n.ºs 70-73) e fragmentos idênticos fornecidos pelas escavações de Braga confirmaram as observações inicialmente feitas: as dimensões destas tijelas, o perfil, a reduzida espessura da parede e as características de fabrico aproximam muito mais a sua produção da produção da sigillata clara C3, do que da forma Hayes 67, produzida em sigillata clara D.

Não se conhecendo outros exemplares daquela forma, além dos já referidos, e não tendo sido possível datá-los pelo seu posicionamento estratigráfico, resta-nos, de momento, atribuir-lhe a

cronologia da forma Hayes 67, entre c. 360-470, a qual não colide com a cronologia da produção C3 que começa nos incios do séc. IV e perdura até meados do séc. V.

Os n^{os} 30-34 ilustram uma das formas mais comuns em Braga.

Apesar de admitirem todos os tipos de pastas já referidas (com excepção das pastas II-1 e II-2) e dos engobes poderem ter diversas espessuras, polimento mais ou menos forte e brilho mais ou menos intenso, estes pratos distinguem-se pela homogeneidade que lhes é conferida, quer pela forma, muito cuidada e uniforme, quer pela cor constante do engobe, vermelho veneza mais ou menos aberto (variando entre R19/20, S19 e T39).

Nenhuma das formas publicadas por Hayes ou incertas em Atlante podiam ter-lhes servido de modelo ou inspiração. Pelo contrário, de imediato nos pareceu que estes pratos tinham uma forma híbrida que imitava com muita fidelidade o perfil do prato Hayes 59 e adoptara, com algumas alterações, o bordo da forma Hayes 67. Dir-se-ia que este fabrico de imitação criara uma forma original híbrida 59-67.

Não era o caso, pois verificamos que um prato com forma idêntica, produzido em sigillata clara D, fora encontrado em França, no sítio galo-romano de Lestrade em Mireval-Lauragais (Aude) (Martin, 1977: 99-101, fig. 3, n^o 2 e 103, fig. 5, n^o 1). Este prato possui caneluras oblíquas na parede externa típicas do tipo Hayes 59A e decoração estampada no fundo interno do estilo decorativo A(ii).

Deste prato diz o autor que é uma forma rara de que só se conhece aquele exemplar e que parece “une forme bâtarde”. E acrescenta “le profil bien caractéristique de son rebord permet de le rapprocher du type Hayes 67. En revanche sa silhouette générale, sa hauteur, son fond très plat et les canelures obliques qui décorent l’extérieur de sa paroi, concourent à l’assimiler à la forme 59A. Ces quelques remarques m’ont amené à en faire provisoirement le type 59/67”.

Privilegiando a semelhança com o tipo 59A (datado de c. 320-380/400) e a presença duma decoração estampada do estilo decorativo A(ii) em uso entre c. 350-420, o autor propõe para aquele prato uma data entre 350-380.

Estranhamente esta forma não vem referida em Atlante, embora aí seja feita referência a uma outra forma nova em sigillata clara D, proveniente do Epave I de l’Anse Gerbal, em Port-Vendres, publicada no mesmo artigo (Martin 1977: 100, fig. 3, n^o 3; Atlante I: 259).

4.3.1. FRAGMENTOS COM DECORAÇÃO ESTAMPADA

Os n^{os} 35-47 representam fragmentos de fundos de pratos com decoração estampada, da produção sigillata clara D.

Com excepção dos n^{os} 35 e 45 cujas imitações são frustes e do n^o 40 em que a estampagem está mal executada, podemos considerar que os outros exemplares denunciam um certo domínio da técnica, quando comparados a outras imitações em cerâmica comum. As dimensões dos fragmentos não permitem saber a forma dos pratos a que eles pertenceram.

Nos n^{os} 35, 36, 40, 45 e nos pratos n^{os} 27 e 33 os motivos decorativos dispõem-se claramente numa larga banda limitada por caneluras. Com excepção do n^o 43, do qual nada se pode dizer pelo facto do fragmento não incluir as caneluras, todos os outros fragmentos parece possuírem o mesmo tipo de organização decorativa.

Na produção sigillata clara D esta organização em banda era típica do Estilo A(iii) em uso entre c. 410-450 e frequente nas formas 61B, 64, 67, 69, 76.

4.3.2. MOTIVOS DECORATIVOS

A **palmeta**, considerada o motivo básico mais comum do Estilo A, está presente em todos estes fragmentos, com excepção dos n.ºs 46 e 47.

Dentre os 17 tipos de palmetas já identificados na produção sigillata clara D reconhecemos neste conjunto:

- o **tipo 1** variantes **b** e **c** (Hayes 1972: fig. 38), presentes, respectivamente, nos fragmentos n.ºs 35 e 36-38 é característico dos Estilos A(i) - (ii). Os exemplares em forma de losango são preferencialmente do Estilo A(ii). Foi muito usado sozinho ou associado a outros motivos, entre 320 e 375, em pratos das formas 59A-B, 61A, 63, 67.

- o **tipo 4**, variante **h**, em forma de losango, está presente nos n.ºs 39-42. Por falta de paralelo e com muitas reservas, incluímos neste tipo as palmetas dos n.ºs 43 e 44.

A maior parte das palmetas do tipo 4 tem uma forma ovóide. A variante **h**, em forma de losango é provavelmente um pouco mais antiga e contemporânea dos últimos exemplares do tipo 1. Este tipo 4 é o mais comum do estilo A(ii) e habitual, entre c. 350 – inícios do séc. V, nas formas 59, 61A, 63 e 67.

- o **tipo 19** que aparece, muito mal executado, no fragmento n.º 45 só é conhecido no estilo A(iii). Pode aparecer sozinho ou com motivos subsidiários entre 420-450 (?).

O **quadrado** com reticulado oblíquo (**tipo 69**) está representado, na variante **c**, no n.º 39, alternando com uma palmeta tipo 4h. Este quadrado é outro motivo muito comum dos Estilos A(ii) - (iii). Aparece nas formas 61, 64, 67.

- o **tipo Atlante LVI I 58** aparece no fragmento n.º 42, alternando com uma palmeta do tipo 4h. Este quadrado é atribuído, com dúvidas, ao Estilo A(ii), sem outra indicação cronológica.

A **asna** é outro motivo básico usado muito frequentemente sozinho, mas também acompanhado por motivos subsidiários.

- o **tipo 75**, com as duas linhas convergentes unidas no topo é o mais característico, e a variante **q** com o topo pontagudo como aparece nos fragmentos n.ºs 46 e 47 pode ser mais antiga que as variantes com topos arredondados. Surge já no estilo A(ii). Adoptada também pelo estilo A(iii) aparece preferencialmente na forma 67 e tornou-se muito popular na primeira metade do séc. V.

Círculos, aros e rosetas são os motivos subsidiários presentes nestes fragmentos.

Círculos concêntricos com orla dentada (**tipo 31**) alternam com uma palmeta tipo 1c no fragmento n.º 36 e círculos com orla revolta (**tipo 35**) alternam com uma versão original da palmeta 4h no fragmento n.º 44.

Estes tipos de círculos, aparecem nos Estilos A(ii) - A(iii), preferencialmente nas formas Hayes 59 e 67 e são muito comuns nos fins do séc. IV – 1.º quartel do séc. V.

O **aro** pode corresponder à última versão do círculo.

- o **tipo 41c** e **d** dentados, são os mais comuns do Estilo A(iii), e aparecem, em geral, dispostos numa banda, como é característico deste estilo. São, em regra, rudemente executados, como o aro 41c que alterna com uma palmeta do tipo 1c no fragmento n.º 35.

Este motivo esteve em uso na 1ª metade do séc. V, particularmente em pratos da forma 61B.

A **roseta** é um motivo subsidiário muito comum e adoptado pelos três tipos do Estilo A e ainda pelo Estilo E, quer dizer, durante um período compreendido entre os inícios do séc. IV e o segundo quartel do séc. VI.

A mais antiga e a mais usual é a roseta do **tipo 44**, de pequenas dimensões (44A) ou ligeiramente maiores (44B) muito comum nas formas 59A-B, 61A e 67, principalmente no 2º/3º quartel do séc. IV.

A roseta do fragmento nº **43**, imita com bastante perfeição a variante **f** que se caracteriza pelo desenho muito regular das pétalas que parecem inscritas num limite circular. Neste fragmento a roseta vem associada a uma palmeta e outros motivos indetermináveis cuja composição não podemos interpretar.

A decoração do prato nº **33** inclui uma pequena roseta para a qual não encontramos paralelo na sigillata clara D, nem pelas dimensões, nem pela forma, mas que apresenta semelhanças com as rosetas que decoram os fundos dalguns grandes pratos da produção hispânica tardia (Mayer 1988: Pl. CCXLI, nº 32 e Pl. CCXLIV, nºs 46-48).

4.3.3. CRONOLOGIA

Se levassemos em consideração apenas a distribuição em banda dos motivos decorativos que, como já dissemos, é característica do Estilo A(iii), dataríamos facilmente todos estes fragmentos entre c. 410-470.

Acontece, porém, que apenas nos fragmentos nºs **45**, **46** e **47**, a cronologia dos respectivos motivos decorativos, correntes em fins do séc. IV – 1ª metade do séc. V, concorda com a cronologia do Estilo A(iii).

Em todos os outros fragmentos há uma discrepância entre os motivos decorativos característicos do Estilo A(ii) com organização radial, datado de 350-420 e a organização em banda em que eles se apresentam, característica do Estilo A(iii), datado de c. 410-470.

Como exemplo desta discrepância salientamos os fragmentos nºs **38** e **39** que possuem uma palmeta tipo 1c e o fragmento nº **40** com uma palmeta tipo 4h, ambas típicas do Estilo A(ii) e elas próprias datadas entre 320 e 375, que, todavia, se apresentam dispostas em banda segundo o Estilo A(iii). A mesma discrepância existe nalgumas associações de motivos cujas cronologias não são contemporâneos, como acontece, por exemplo, no fragmento nº **35**.

Estas discrepâncias, que não poderiam verificar-se, por definição, na produção original, podem compreender-se numa produção de imitação, com menores recursos e menores exigências, que adopta, sistematicamente, uma organização decorativa de mais fácil execução e exigindo um menor número de punções.

Nestas circunstâncias, achámos mais correcto datar estes fragmentos tendo em consideração, apenas, a cronologia dos respectivos motivos decorativos e suas associações. Segundo este critério propomos as cronologias que se seguem, embora com as reservas que as referidas circunstâncias exigem:

- fragmentos nºs **37**, **38**, **40**, **42**, **43** – 2ª metade do séc. IV;
- fragmentos nºs **35**, **36**, **39**, **44** – fins do séc. IV – 1º quartel do séc. V;

– n.ºs 45, 46, 47 – 1ª metade do séc. V.

A cronologia proposta para os fragmentos decorados e a análise dos respectivos motivos decorativos, confirmam o que o estudo das formas já havia revelado: as formas da sigillata clara D mais imitadas são as mais comuns da primeira fase daquela produção que influenciaram igualmente muitos dos grandes pratos da sigillata hispânica tardia e das cerâmicas paleocrístãs derivadas da gálica. Dentre aquelas formas predomina a forma Hayes 61 que perdurou mais dum século (c. 325-480) atingindo o apogeu no 1º quartel do séc. V.

Tem interesse salientar que a forma Hayes 67 em sigillata clara D que aparece com frequência em Braga, não foi, todavia, imitada ou foi-o raramente⁵. Pelo contrário e paradoxalmente, a forma rara Martin 59/67, que o autor data entre c. 350-380, foi uma das mais imitadas em Braga pela produção de engobe vermelho (ver n.ºs 30-34).

A grande maioria dos fragmentos deste Grupo II, quando encontrados em contexto, qualquer que seja a zona de proveniência, pertenciam a camadas de ocupação tardia (séc. IV e 1ª metade do séc. V) e derrubes das estruturas correspondentes a essa ocupação.

5. CONCLUSÃO

O estudo preliminar aqui apresentado confirma a existência duma longa tradição do uso de engobes vermelhos não vitrificáveis cuja abundância em Braga, já referida, fazia prever.

Esta tradição, certamente nascida por influência da produção *pompejanisch-roten Platten*, manifesta-se, desde logo, nas numerosas imitações daquela produção, encontradas em Braga.

O estudo do conjunto destas produções, incluídas no Grupo I permitiu verificar:

- O carácter residual da presença da produção *pompejanisch-roten-Platten*, em contraste com a normal abundância de imitações daquela produção, em especial da forma Oberaden 21, claramente dominante.

- A presença significativa, em Braga, de formas originais que são desconhecidas ou raras em Conímbriga mas muito frequentes em Lugo.

- A ausência de marcas de oficina em Braga e Conímbriga, em contraste com a sua presença muito significativa em Lugo.

- Uma flagrante semelhança, quando comparadas à lupa de mão, entre as imitações da forma Oberaden 21 encontradas em Braga e pastas da mesma forma provenientes de Lugo; e ainda entre as formas e respectivas pastas dos n.ºs 8 e 9 com formas e pastas idênticas encontrados naquela cidade.

Destes dados se conclui, em relação às produções incluídas no Grupo I, que estamos perante produções que apresentam muitas afinidades com produções idênticas de Lugo.

Estas afinidades podem compreender-se à luz das conclusões sobre as análises de imitações do engobe interno vermelho pompeiano encontradas no Norte da Península Ibérica, apresentadas

⁵ A julgar pelos motivos decorativos, alguns dos fragmentos decorados poderiam ter pertencido à forma Hayes 67.

no Colóquio de Arqueometria já referido⁶ onde se admite que a origem daquelas produções possa ter sido o Noroeste Pensinsular onde se inserem as cidades de *Lucus Augusti* e *Bracara Augusta*.

Vemo-nos, assim, confrontados, uma vez mais, com problemática idêntica à que se pôs para a origem da *cerâmica bracarense*, abundante em Braga e em *Aquis Querquennis*.

– Estamos perante uma única produção, como as semelhanças detectadas sugerem, ou produções distintas?

– Caso se trate de uma única produção, qual o seu local de origem?

O prosseguimento da investigação destas produções passa pelas respostas a estas perguntas. E estas só poderão obter-se com o concurso de análises laboratoriais.

As produções incluídas no Grupo II não apresentam a homogeneidade das anteriores. Todavia, malgrado as diferenças registadas nas pastas e nos engobes, possuem uma coerência que lhes advem do facto de imitarem, de modo sistemático, formas das sigillatas hispânicas e clara D, o que parece ter correspondido a um desígnio predeterminado ao qual se mantiveram fiéis algumas gerações de oleiros.

A fidelidade destas imitações permitiu datá-las, com bastante segurança, dentro dos limites cronológicos das produções que lhes serviram de modelo.

Tal circunstância valoriza de imediato estas imitações que podem passar a ser encaradas como *fósseis directores*, para o séc. IV e 1ª metade do séc. V, tal como a *cerâmica bracarense* é já para a 2ª metade do séc. I. d.C.

Ao contrário do que acontece com as imitações de engobe interno vermelho pompeiano, ignoramos se em Lugo existem produções idênticas ou aproximadas a estas outras incluídas no Grupo II. Sabemos que não aparecem em Conímbriga, mas desconhecemos a sua difusão no Norte do país.

Consideramos por isso que o conhecimento destas produções não se encontra no mesmo estágio de desenvolvimento das anteriores. Para o atingir torna-se necessário proceder de imediato a uma prospecção com vista a conhecer a sua difusão na região Entre Douro e Minho e verificar se produções idênticas são ou não conhecidas em Lugo.

A partir daí o prosseguimento do estudo destas produções necessitará, como as anteriores, de apoio laboratorial.

Sabemos que o concurso de análises laboratoriais é dispendioso e não tem sentido sem a definição clara de objectivos e sem um critério de selecção que contemple conjuntos amplos suficientemente caracterizados (o que significa uma relação coerente de formas e fabricos). Mas também é certo que, uma vez esse estudo feito, só com o concurso daquelas análises se poderá fazer a identificação de fabricos e abordar o problema da sua origem, com menor probabilidade de erro.

A resposta a estas perguntas, relativas, de momento, às produções agora apresentadas, mas comuns a todas aquelas que seja possível individualizar dentro a amálgama das cerâmicas comuns, permitirá contribuir para o esclarecimento da circulação dessas produções, cuja difusão poderá atingir longas distâncias e, deste modo, aprofundar o conhecimento da dimensão e dinâmica da sua comercialização.

⁶ Ver nota nº 3.

CATÁLOGO

1.

Fragmento de prato. Parede encurvada e muito aberta com o bordo interno espessado; o fundo muito alteado, com quatro caneluras na face interna; as duas caneluras interiores rodeiam o centro ocupado por uma marca de oleiro, impressa em negativo, num caixilho cavado, rectangular e pouco regular, já que o limite esquerdo do caixilho coincide com a haste da primeira letra. Marca: E O R I. Pasta grosseira cor de terra siena natural (R49); engobe vermelho sombrio (T13), espesso, foi polido ao seixo tal como a parede externa não engobada; cobre o interior do prato e o bordo; zonas da parede externa e fundo enegrecidos; o fundo, além de fracturado, está particularmente degradado. Diâm. 260 / alt. 33 mm (Castro das Ermidas, Famalicão, dist. Braga). S/N.I. Est. I.

2.

id. Parede encurvada em quarto de círculo, ligeiramente alargado, com o bordo biselado para o exterior; fundo interno plano e liso; fundo externo com cinco caneluras; presença de várias ranhuras irregulares no fundo interno. Grupo I, Pasta 1 de cor parda muito pálida (M55/70); engobe vermelho sombrio (T11), espesso, com leve brilho e bem conservado. Parede e fundo externos muito enegrecidos. Diâm. 256 / alt. 36 mm (BRA79T13A=260=). N.I. 1279-91. Est. I.

3.

id. A parede é menos encurvada e mais aberta; o bordo ligeiramente reentrante e biselado para o exterior; a parte conservada do fundo não mostra quaisquer caneluras. Grupo I, Pasta 1 da mesma cor; engobe vermelho inglês claro (P11), medianamente espesso, mate, aderente e razoavelmente bem conservado; o engobe cobre o interior do prato e o bordo, espalhando-se irregularmente pela parte cimeira da parede como se tivesse escorrido; o fundo não mostra sinais de ter sido utilizado sobre o lume. Diâm. 246 / alt. 40 mm (BRA78 PB1 S/C). N.I. 1278-91. Est. I.

4.

id. Parede muito aberta com a face externa quase rectilínea; o bordo é reentrante e biselado para o exterior; o fundo plano com a face interna lisa e a externa com sete caneluras concêntricas. Grupo I, Pasta 1 da mesma cor; engobe vermelho veneza (S15), espesso, mate e bem conservado; fundo externo levemente enegrecido. Diâm. 320 / alt. 50 mm [BRA78 P10(03)]. N.I. 1280-91. Est. I.

5.

id. Prato mais fundo do que o habitual; o perfil da parede também não é comum, pois a face interna é encurvada e a externa rectilínea; o bordo engrossado é biselado para o exterior; o que resta do fundo mostra duas caneluras concêntricas junto ao limite externo, ligeiramente facetado. Grupo I, Pasta 1, cor terra siena (P49); engobe vermelho veneza (S15); espesso, com um leve brilho, bem conservado; não mostra sinais de ter sido utilizado sobre o lume. Diâm. 354 / alt. 65 mm [BRA78 U7A (02)]. N.I. 2250-91. Est. I.

6.

id. Parede encurvada e bordo em forma de aba horizontal com face superior ornamentada por duas fundas caneluras; a face interna da parede possui oito largas depressões elípticas que deformaram muito a parede externa do prato; o fundo era muito provavelmente plano. Grupo I, Pasta 1 possível cor de terra siena natural (N55); engobe provavelmente vermelho sombrio (T11) medianamente espesso, mas pouco aderente, cobre a superfície interna e face superior da aba; a parede interna foi polida com seixo, no sentido vertical, como se percebe pelas estrias resultantes desse polimento ali conservadas; a face inferior da aba e a parede externa também foram polidas mas no sentido horizontal; todo o fragmento está bastante queimado pelo que as cores da pasta e engobe indicadas são problemáticas e foram determinadas pela observação da face interna da parede onde pasta e engobe parece terem sido pouco afectados. Diâm. 320 mm [BRA78 PB1 (01)]. N.I. 1225-95. Est. II.

7.

id. Parede espessa encurvada em quarto de círculo com bordo em forma de aba estreita, lisa, muito ligeiramente descaída; a face interna da parede possui doze depressões elípticas que deformaram um pouco a parede externa; fundo provavelmente plano. Grupo I, Pasta 1, cor de terra siena natural (N55); engobe vermelho veneza (S19/20), espesso, levemente polido com seixo no sentido vertical, mate, aderente e bem conservado; cobre a superfície interna e face superior da aba; a superfície externa, não engobada, foi muito bem alisada. Diâm. 290 / alt. 47 mm (FUJ H12 S/C). N.I. 535-95. Est. II.

8.

id. Parede encurvada com bordo em forma de aba estreita levemente inclinada para o interior, com o lábio engrossado que fica, assim, ligeiramente realçado em relação à face superior da aba que parece, deste modo, preparada para receber um teste. Grupo I, Pasta 1, cor de terra siena natural (R49); engobe vermelho sombrio (T13), espesso, levemente polido com seixo, mate, cobre a superfície interna e face superior da aba. A superfície externa não engobada foi muito bem alisada e talvez mesmo, ligeiramente polida. Diâm. 265 mm (T11B=264=). N.I. 821-96. Est. II.

9.

Fragmento de tijela com parede troncocônica e fundo plano espesso muito ligeiramente alteado; bordo em forma de aba estreita inclinada para o interior, com o lábio levemente engrossado como no prato anterior. Grupo I, Pasta 1, cor de terra siena tostada (P39); engobe vermelho sombrio (T13), espesso, polido com seixo; este engobe cobre toda a superfície interna aba e a parte superior da parede externa onde forma uma banda; a superfície não engobada foi muito cuidadosamente alisada ou mesmo um pouco polida. Diâm. 135 / alt. 71 mm [BRA77 L1C (01)]. N.I. 1799-91. Est. II.

10.

Fragmento de tijela. Parede encurvada com bordo ligeiramente reentrante; pé muito baixo e triangular. Grupo II, Pasta 1 cor de terra siena tostada (P47); engobe vermelho inglês (R11), espesso, foi submetido a um polimento intenso provavelmente com uma espátula; o engobe que cobre todo o vaso tornou-se, assim, muito aderente e muito brilhante especialmente na superfície externa; na superfície interna o engobe apresenta-se semi-brilhante e menos bem conservado. Diâm. 160 / alt. 48 mm (CARV. Sond. X156/Y144=18=). N.I. 2275-91. Est. III.

11.

id. Parede encurvada com o fundo excepcionalmente espesso em relação à espessura da parede; a tijela assenta na aresta de junção da parede com o fundo externo muito alteado. Grupo II, Pasta 3 de cor parda muito pálida (M70) com restos do que parece ser elementos vegetais carbonizados; engobe vermelho inglês claro (N13), polido com seixo; visíveis as estrias resultantes desse polimento, que a deterioração do engobe mais realça; parece ter possuído, originariamente, um ligeiro brilho; o engobe cobre todo o vaso incluindo o fundo externo alteado. Diâm. 132 / alt. 55 mm (CARV. Sond. X188/Y140=11=). N.I. 879-92. Est. III.

12.

id. Parede hemisférica; bordo alto e muito aberto com o lábio engrossado e biselado para o exterior; ligeiro ressalto na junção do bordo com a parede, bem perceptível na face externa. Grupo II, Pasta 5, cor de terra siena (S37); engobe vermelho veneza (T39), fino e muito aderente em resultado do polimento com seixo a que foi submetido e lhe conferiu algum brilho; as estrias resultantes desse polimento são mais perceptíveis na face externa onde o engobe se encontra menos bem conservado. Diâm. 147 mm (CARV. Sond. X188/Y140=11=). N.I. 906-94. Est. III.

13.

id. Idêntica à anterior, de maiores dimensões e perfil menos cuidado. Grupo II, Pasta 2 cor de terra siena tostada (P25/27); engobe vermelho veneza (S13), fino muito aderente e brilhante em resultado de ter sido

fortemente polido, provavelmente com uma espátula, a julgar pelas largas estrias visíveis em ambas as faces. Diâm. 201 mm (CARV. Sond. X172/Y124=3010=). N.I. 155-96. Est. III.

14.

Pratel. Bordo alto vertical fazendo ângulo com a parede muito baixa que evolui em curvatura contínua até ao fundo interno alteado; o fragmento inclui uma grossa moldura sobre a qual o prato poderia ter assentado. Grupo II, Pasta 2 cor de terra siena tostada (P39); engobe vermelho veneza (S19) cobre todo o fragmento; medianamente espesso, mas pouco aderente, foi polido com seixo; deteriorado na face interna, conserva ainda alguma aderência e algum brilho na face externa. Diâm. 166 / alt. 27 mm (P.L. 90E4=119=). N.I. 1008-94. Est. III.

15.

id. Parede encurvada e aberta com lábio afilado e revirado para o exterior; o ângulo de junção da parede com o fundo é moldurado. Grupo II, Pastas 5 cor ocre ouro tostado (R35); engobe vermelho inglês escuro (S11) cobre todo o fragmento; medianamente espesso e aderente; a superfície, presentemente opaca, foi ligeiramente polida. Diâm. 205 mm (CARV. Sond. X188/Y140=12=). N.I. 922-94. Est. III.

16.

Fragmento de prato ou travessa. Parede pouco encurvada, aberta, com bordo em forma de aba estreita, espessa e abaulada. Grupo II, Pasta 1, cor de terra siena natural (R47); engobe vermelho veneza (S15), cobre todo o fragmento; espesso, foi fortemente polido com uma espátula o que lhe conferiu brilho e aderência bem conservados na superfície externa; na superfície interna e face superior da aba o engobe encontra-se degradado, tendo-se conservado, preferencialmente nas estrias resultantes do polimento. Diâm. 370 mm (P.L. 90F3=204=). N.I. 532-95. Est. IV.

17.

id. Parede baixa e encurvada em quarto de círculo, com bordo em forma de aba estreita horizontal, diminuindo de espessura em direcção ao lábio, realçado por uma finíssima canelura nas faces superior e inferior; fundo plano alteado, sem decoração; o prato assenta na zona não alteada do fundo externo, originando, aí, uma banda circular desgastada pelo atrito. Grupo II, Pasta 4, cor de terra siena natural (R47); engobe vermelho veneza (S19), fino e polido com seixo; o polimento, muito cuidado, mas pouco intenso, deu ao engobe uma boa aderência e conferiu à superfície um leve brilho; cobre todo o vaso e encontra-se muito bem conservado, com excepção da zona circular de assentamento já referida. Diâm. 373 / alt. 44 mm (HOSPITAL B=0=). N.I. 321-95. Est. IV.

18.

id. Parede mais funda, mais espessa e menos encurvada; bordo em forma de aba larga inclinada para o interior; o lábio é sublinhado na face superior da aba por um ligeiro ressalto acompanhado de uma moldura muito fina e bem executada; uma canelura extremamente fina que mais parece uma ranhura, limita internamente a aba. Grupo II, Pasta 4, cor terra siena natural (R49); engobe vermelho veneza (S19), muito fino, foi submetido a um leve polimento com espátula; mate e pouco aderente está muito degradado especialmente na parede interna e aba; parece ter coberto todo o vaso, estando ausente na zona de assentamento do prato. Diâm. 340 / alt. 54 mm (CARV. Sond. X188/Y140=7=). N.I. 862-92. Est. IV.

19.

id. Parede encurvada com bordo em forma de aba larga muito inclinada para o exterior; o lábio é sublinhado por uma fina canelura na face superior. Grupo II, Pasta 5, cor ocre ouro tostado (R35); engobe vermelho inglês (R11), medianamente espesso; polimento não muito intenso, provavelmente com uma espátula, a julgar pelas estrias que se conservam na parede externa; na parede interna o engobe é mate e está bastante bem conservado sobre todo o fragmento. Diâm. 288 mm (CARV. X152/Y136=1323=). N.I. 1222-95. Est. IV.

20.

Fragmento de pequeno prato. Parede baixa e aberta levemente encurvada; bordo triangular com o lábio reentrante; o ângulo inferior, muito alto, forma um ângulo vivo com a parede; fundo largo plano ligeiramente alteado. Grupo II, Pasta 3 cor de terra siena tostada (P39); engobe vermelho inglês (R11) cobre toda a peça; medianamente espesso, recebeu um forte e cuidado polimento com seixo que o tornou brilhante e muito aderente; está particularmente bem conservado em toda a superfície; traços irregulares incisivos no fundo interno aparentemente feitos com instrumento cortante. Diâm. 164 / alt. 24 mm (CARV. Sond. X188/Y140=11=). N.I. 442-94. Est. IV.

21.

Fragmento de prato. Parede baixa, encurvada em quarto de círculo alargado com bordo triangular oblíquo; fundo plano ligeiramente alteado; este fundo, muito fracturado, não permite garantir que seja decorado, todavia, o fragmento com decoração estampada (Nº 40), pelas características da pasta, engobe e estado de conservação parece ter pertencido ao fundo deste prato. Grupo II, Pasta 4, cor ocre carne (N45); engobe vermelho inglês escuro (R13), cobre todo o fragmento; medianamente espesso, brilhante e muito aderente em consequência do forte polimento a que foi submetido e de que resultaram finas e numerosas estrias bem visíveis, particularmente na parede e fundo externo; este prato, muito fragmentado apresenta também numerosas zonas em que a pasta e a superfície estão muito queimadas, o que pode explicar-se pelo facto dos fragmentos que o constituem provirem de uma camada de incêndio associada a uma camada de derrube. Diâm. 310 / alt. 40 mm (CARV. Sond. X188/Y140=7=). N.I. 920-94. Est. V.

22.

id. Prato idêntico ao anterior, de menores dimensões e parede mais alargada; o ângulo de junção do bordo triangular com a parede não é vivo mas tende já a destacar-se da parede como no exemplar seguinte. Grupo II, Pasta 4, cor de terra siena (R47); engobe vermelho veneza (S19), muito fino, pouco aderente, cobre todo o fragmento mas dele restam apenas alguns vestígios em ambas as faces. Diâm. 270 / alt. 35 mm (CARV. X168/Y128=1035=). N.I. 1219-95. Est. V.

23.

id. Prato idêntico ao anterior; o ângulo de junção do bordo triangular com a parede, é engrossado e claramente destacado; lábio biselado para o interior. Grupo II, Pasta 4, cor de terra siena natural (R47/49); engobe vermelho veneza (S19), idêntico ao anterior, cobre a superfície interna, bordo e parte superior da parede externa onde se conserva muito menos degradado que o anterior; parece ter sido levemente polido apresentando um ligeiro brilho na parede externa do bordo. Diâm. 357 / alt. 27 mm (CARV. Sond. X188/Y140=11=). N.I. 909-94. Est. V.

24.

id. Prato idêntico aos anteriores; bordo triangular oblíquo muito destacado da parede, com a face interna muito engrossada. Grupo II, Pasta 5, cor de terra siena tostada (P25/27); engobe vermelho inglês escuro (S11), medianamente espesso, aderente, cobre todo o fragmento; polido com seixo, sendo visíveis as estrias estreitas e muito regulares na superfície interna e parede externa do bordo onde se apresenta semi-brilhante; na parede e fundo externos o engobe está muito desgastado e perdeu todo o brilho inicial. Diâm. 470 / alt. 45 mm (CARV. X152/Y132=1286=). N.I. 687-93. Est. V.

25.

Fragmento de taça. Parede encurvada, terminando num bordo triangular com a face interna engrossada e a externa, quase vertical, destacada da parede; pé muito baixo de secção triangular. Grupo II, Pasta 2 cor de terra siena tostada (P47); engobe vermelho inglês (R11), espesso, fortemente polido com seixo e muito brilhante, como se pode verificar nas zonas onde se mantém bem conservado; outras há em que ele se encontra muito degradado e mesmo ausente; cobria toda a peça, incluindo o fundo externo. Diâm. 165 / alt. 40 mm (C.S. Q7=158=). N.I. 1407-91. Est. V.

26.

id. Parede vertical que vai encurvando em direcção ao fundo plano; lábio biselado para o interior; a parede externa possui duas fundas caneluras sob o lábio e na transição da parte vertical da parede para a parte encurvada; presença ainda de uma canelura muito fina junto ao fundo. Grupo II, Pasta 4, cor de terra siena natural (R47/49); engobe vermelho veneza (S19), muito fino, mate e muito erodido, cobre a superfície interna e a externa até à fina canelura junto à base. Diâm. 244 / alt. 41 mm (CARV. X164/Y116=1238=). N.I. 1223-95. Est. VI.

27.

id. Prato com perfil idêntico ao anterior; a parede mais baixa tem a parte superior ligeiramente reentrante; o lábio biselado para o interior é um pouco engrossado e sublinhado por uma canelura na parede externa; a transição entre a parte rectilínea da parede e a parte encurvada é sublinhada por duas estreitas caneluras; o fundo plano possui uma decoração estampada na face interna; esta decoração é constituída por um motivo geométrico octogonal de execução fruste e para o qual não encontramos paralelo e uma palmeta com uma nervura central cujo tipo permanece incerto em consequência das fracturas; estes motivos alternam entre si e dispõem-se numa banda em torno do centro; duas caneluras limitam a zona decorada. Grupo II, Pasta 4, cor de terra siena tostada (P47); engobe vermelho veneza (R19/20), fino, cobre todo o fragmento; foi polido com seixo, sendo visíveis as respectivas estrias muito finas e regulares na face interna da parede onde o engobe conservou algum do seu brilho inicial; na parede externa restam apenas vestígios deste engobe no interior das caneluras. Diâm. 470 / alt. 44 mm (MAX. X S/C). N.I. 538-95. Est. VI.

28.

id. Parede encurvada, muito baixa, com bordo em forma de aba horizontal, muito larga, terminando num lábio com a aresta superior sobreelevada; fundo plano levemente alteado; a junção da parede com o fundo interno é sublinhada por uma moldura muito fina e regular. Grupo II, Pasta 4, cor de terra siena natural (R49); engobe vermelho veneza (S19/20), medianamente espesso e aderente, cuidadosamente polido com seixo e semi-brilhante; bem conservado na superfície interna; na superfície externa e face inferior da aba o engobe é muito fino e mate, conservando, todavia, uma boa aderência; desgastado apenas na zona de assentamento do prato. Particularidade desta peça é a grande quantidade de partículas médias de mica (moscovite) em toda a superfície. Diâm. 335 / alt. 29 mm (CVL Sond. 57=36=). N.I. 1224-95. Est. VI.

29.

Fragmento de tigela. Parede encurvada e bastante aberta com base estreita, espessa e plana; o bordo em forma de aba larga, inclinada para o interior, desenvolve-se numa linha sinuosa desde o lábio até à parede junto da qual faz um ligeiro rebaixamento que sugere, mas não chega a constituir, uma plataforma; o lábio é sublinhado, por uma canelura na face superior da aba. Grupo II, Pasta 2 cor de terra siena tostada (P39); engobe vermelho veneza (S19), fino, parece ter sido polido, mas, o estado de degradação em que se encontra não permite afirmá-lo com segurança. Diâm. 142 / alt. 58 mm (CARV. Sond. X188/Y140=7=). N.I. 875-92. Est. VI.

30.

Fragmento de grande prato. Parede baixa e encurvada com bordo em forma de aba muito larga e inclinada para o interior; esta aba é constituída por dois elementos distintos: o superior, ligeiramente encurvado e o inferior, em forma de estreita plataforma plana que se liga à parede por um ângulo agudo; estes dois elementos, bem distintos na face superior da aba, desenham o contorno numa linha sinuosa na face inferior; o lábio, em forma de cabeça de martelo, é sublinhado por uma funda canelura na face superior da aba; fundo largo e alteado; o fragmento permite apenas notar a presença de uma funda canelura no fundo interno. Grupo II, Pasta 3 cor ocre carne (M45); engobe vermelho veneza (R19/20), medianamente espesso foi submetido a um forte polimento com espátula como sugerem as largas estrias

mais brilhantes, visíveis na superfície interna; a superfície externa, totalmente engobada, ou não foi polida ou perdeu o brilho pela erosão sofrida. Diâm. 363 / alt. 52 mm (CARV. Sond. X192/Y144=27=). N.I. 670-94. Est. VII.

31.

id. Idêntico ao anterior; elemento superior da aba mais encurvado, plataforma plana ligeiramente mais estreita e lábio não sublinhado por canelura; o fragmento não permite saber se o fundo era alteado. Grupo II, Pasta 4 cor de terra siena tostada (P47); engobe vermelho veneza (R19/20), idêntico ao anterior, na superfície interna e face superior da aba; na superfície externa o engobe é muito diluído parecendo mais uma simples aguada de que restam apenas vestígios na face inferior da aba; a zona de assentamento do prato encontra-se muito erodida. Diâm. 362 / alt. 54 mm (P.L. 90 D4=170=). N.I. 1111-93. Est. VII.

32.

id. Idêntico aos anteriores com parede e fundo mais espessos o que lhe dá um aspecto mais pesado; os elementos da aba são bem diferenciados e o lábio arredondado é sublinhado por uma canelura; o fundo é alteado e apresenta, na face interna duas fundas caneluras, formando entre si uma moldura, que rodeiam o centro. Grupo II, Pasta 4 cor de terra siena tostada (P47); engobe vermelho veneza (S19), fino foi submetido a um leve mas cuidado polimento, possivelmente com seixo, que lhe conferiu um leve brilho e o tornou bastante aderente; cobre todo o vaso, apresentando-se erodido na zona circular de apoio do prato. Diâm. 346 / alt. 51 mm (S/C). N.I. 2703-91. Est. VII.

33.

id. Idêntico aos anteriores com o elemento superior da aba ligeiramente côncavo unindo-se ao elemento plano numa curvatura contínua, em vez do habitual ângulo vivo; o lábio, muito desenvolvido, é sublinhado por uma funda canelura na face superior e apresenta uma depressão longitudinal na face externa pendente; fundo externo plano e liso, fundo interno com decoração estampada, constituída por asnas (tipo Hayes 75q – fig. 42) encimadas por pares de pequenas rosetas impressas com sete pétalas (para as quais não se encontrou paralelo); estes motivos dispõem-se radialmente em relação ao centro, rodeado por uma larga e funda canelura; a zona decorada é limitada por duas caneluras mais estreitas que formam entre si uma moldura. Grupo II, Pasta 5, cor de terra siena tostada (P25/27); engobe vermelho veneza (T39), espesso, muito polido e brilhante na superfície interna, face superior da aba e lábio; a superfície externa, muito bem alisada, é coberta por um engobe muito mais fino, mate, da mesma tonalidade, o qual, em certas zonas, especialmente no fundo, toma o aspecto de uma ligeira aguada. Diâm. 366 / alt. 48 mm (CARV. Sond. X180/Y148=5=). N.I. 867-92. Est. VII.

34.

id. Fragmento do bordo dum prato provavelmente idêntico aos anteriores; o fragmento está reduzido a uma parte do elemento superior encurvado e lábio realçado cuja face externa é ornamentada por entalhes regulares. Grupo II, Pasta 4, cor ocre carne (M45); engobe vermelho veneza (R19/20), fino, não polido, mate e pouco aderente na face superior; reduzido a uma ligeira aguada na face inferior. Diâm. 320 mm (P.L. 90D3=243=). N.I. 1004-94. Est. VII.

35.

Fragmento de fundo. Decoração estampada constituída por palmetas em forma de losango com uma única nervura central e as duas últimas nervuras laterais voltadas para baixo (versão adulterada do tipo Hayes 1b – fig. 38) alternando com aros dentados (tipo Hayes 41c – fig. 41). Estes motivos dispõem-se numa banda em redor do centro liso, circundado por uma larga canelura; a zona decorada é limitada por uma canelura mais estreita e muito superficial. Grupo II, Pasta 4, cor ocre carne (N45); engobe vermelho veneza (R19/20), muito fino, pouco aderente e não polido; muito degradado, apenas se conservou no fundo interno, especialmente no interior das caneluras (CARV. Sond. X180/Y152=4=). N.I. 917-94. Est. VIII.

36.

id. Decoração estampada constituída por palmetas em forma de losango, em posição invertida, com uma única nervura central e as quatro últimas nervuras laterais voltadas para baixo (tipo Hayes 1c – fig. 38), alternando com pares de círculos concêntricos com orla dentada (tipo Hayes 31 – fig. 40). Estes motivos, muito bem executados, dispõem-se numa banda em torno do centro liso e ligeiramente côncavo, circundado por uma moldura e duas fundas caneluras; conjunto idêntico de moldura e caneluras limitam externamente a zona decorada. Grupo II, Pasta 2, cor de terra siena tostada (P39); engobe vermelho veneza (S19) fino, não polido, cobriu todo o fragmento embora se encontre bem conservado apenas na face interna (BRA82 C.S./Q4=8=). N.I. 545-96. Est. VIII.

37.

id. Decoração estampada constituída por palmetas idênticas às anteriores em posição invertida. Grupo II, Pasta 2, cor de terra siena tostada (P39); engobe vermelho veneza (S19) fino, mate, cobre as duas faces parecendo ter recebido um polimento muito leve (CARV. Sond. X188/Y140=7=). N.I. 911-94. Est. VIII.

38.

id. Decoração estampada idêntica à anterior, mas de execução muito menos cuidada. Grupo II, Pasta 2, cor de terra siena tostada (P39); engobe vermelho veneza (S19) fino, muito alterado por acção do fogo (CARV. Sond. X188/Y140=4=). N.I. 919-94. Est. VIII.

39.

id. Decoração estampada constituída por palmetas em forma de losango com dupla nervura central e todas as nervuras laterais voltadas para cima (tipo Hayes 4h – fig. 38), alternando com quadrados reticulados (tipo Hayes 69c – fig. 42). Estes motivos dispõem-se numa banda em redor do centro liso, circundado por uma larga canelura; uma canelura muito fina e superficial limita a zona decorada. Grupo II, Pasta 4, cor de terra siena natural (R47); engobe vermelho veneza (S19), muito fino, não polido; quasi ausente na face interna decorada conservou-se na face externa, embora desgastada (CARV. Sond. X180/Y152=7=). N.I. 914-94. Est. VIII.

40.

id. Decoração estampada constituída por palmetas (tipo Hayes 4h – fig. 38) não associadas a qualquer outro motivo e dispostas numa banda em redor do centro liso, rodeado por uma moldura e duas fundas caneluras; provavelmente idêntico conjunto de moldura e caneluras limitava a zona decorada à semelhança do fragmento nº 37; a decoração deste fragmento é muito mal executada, quer por desgaste do punção quer por inabilidade ou falta de cuidado do oleiro. Grupo II, Pasta 4, cor ocre carne (N45); engobe vermelho inglês escuro (R13), fino, muito polido na face externa onde se apresenta muito brilhante, aderente e bem conservado; pelo contrário a face interna decorada está muito degradada, apresentando apenas leves vestígios do primitivo brilho. A semelhança do fabrico e estado de conservação destes fragmentos e daqueles que constituem o fundo do prato nº 21 leva-nos a admitir, como já dissemos, que estes tenham pertencido àquele prato, embora não seja possível colá-los (CARV. Sond. X188/Y144=10=). N.I. 913-94. Est. VIII.

41.

id. Decoração estampada de que é visível apenas o conjunto de molduras e caneluras que limitam a zona decorada e a parte superior duma palmeta, muito provavelmente do tipo Hayes 4h. Grupo II, Pasta 4, cor de terra siena tostada (P39); engobe vermelho veneza (S13), espesso, muito polido e semi-brilhante especialmente na face interna decorada; na face externa o engobe está menos bem conservado e perdeu muito do brilho primitivo (CARV. Sond. X188/Y140=11=). N.I. 912-94. Est. VIII.

42.

id. Decoração estampada constituída por palmetas do mesmo tipo Hayes 4h, alternando com quadrados reticulados; o reticulado é vertical e inclui pequenas pérolas (tipo Atlante Tav. VIb-58). Estes motivos

dispõem-se numa banda limitada por uma moldura e duas caneluras bastante desgastadas. Grupo II, Pasta 4, cor de terra siena tostada (P47); engobe vermelho veneza (S19), muito fino, pouco aderente, de que restam ligeiros vestígios nas duas faces (CARV. Sond. X170/Y136=24=). N.I. 1218-95. Est. IX.

43.

id. Decoração estampada, constituída por duas palmetas geminadas, de forma triangular (tipo Hayes 4h – fig. 38) e uma pequena roseta (tipo Hayes 44Af – fig. 41); cada um destes motivos está munido de um caule. A presença de um outro caule, em posição simétrica ao da pequena roseta permite admitir que ele pertencesse a uma roseta idêntica e que este conjunto formasse um pequeno ramalhete; nota-se ainda a presença de um terceiro motivo, possivelmente uma palmetta de tipo diferente, que as dimensões do fragmento não permitem identificar. Grupo II, Pasta 4, cor de terra siena tostada (P47); engobe vermelho veneza (S19), muito fino, mate, pouco aderente, cobre as duas faces onde se apresenta um pouco desgastada (Paço, E3=134=). N.I. 1220-95. Est. IX.

44.

id. Decoração estampada, constituída por uma palmetta em forma de losango com uma única nervura central; as nervuras laterais, muito bem definidas, são rematadas por incisões rectangulares bastante regulares e os espaços entre elas são preenchidos por pontos incisos. Não conhecemos paralelo para esta forma de palmetta, que, dada alguma semelhança com o perfil bem recortado da palmetta do fragmento nº 40, podemos considerar uma variante original da palmetta tipo Hayes 44; esta palmetta alterna com círculos de orla revolta (tipo Hayes 35t – fig. 40). A zona decorada é limitada por duas finas e fundas caneluras que formam entre si uma moldura, muito pouco salientes. Grupo II, Pasta 5, cor ocre carne (M45); engobe vermelho inglês mais escuro (R13), fino, mate e um pouco desgastado em ambas as faces (CARV. X152/Y136=1323=). N.I. 1221-95. Est. IX.

45.

id. Decoração estampada, constituída por palmetas (versão fruste do tipo Hayes 19p – fig. 38). Este motivo dispõe-se numa banda em redor do centro liso, circundado por uma moldura realçado por duas fundas caneluras; uma canelura fina e superficial limita a zona decorada. Grupo II, Pasta 4, cor ocre ouro tostado (R27); engobe vermelho veneza (S19), fino, polido na face interna onde se apresenta semi-brilhante e bem conservado; na face externa perdeu o brilho e está muito degradado (CARV. Sond. X188/Y140=11=). N.I. 910-94. Est. IX.

46.

id. Decoração estampada, constituída por asnas (tipo Hayes 75q – fig. 42), dispostas numa banda em torno do centro liso e ligeiramente côncavo, circundado por uma moldura bastante gasta e uma fina canelura; vestígios ainda de uma outra fina canelura que limita a zona decorada. Grupo II, Pasta 3, cor terra siena natural (R47); engobe vermelho veneza (S19), fino, muito pouco aderente e muito degradado, especialmente na face externa onde se conservaram apenas leves vestígios da sua presença (CARV. Sond. X180/Y152=7=). N.I. 918-94. Est. IX.

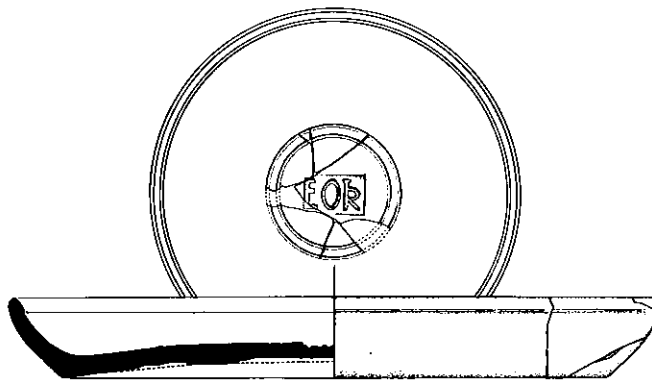
47.

id. Decoração estampada, constituída por uma asna do mesmo tipo da anterior; a zona decorada é limitada por uma fina canelura. Grupo II, Pasta 2, cor terra siena tostada (P39); engobe vermelho veneza (S19), fino, levemente polido, semi-brilhante e aderente em ambas as faces (CARV. Sond. X188/Y140=10=). N.I. 915-94. Est. IX.

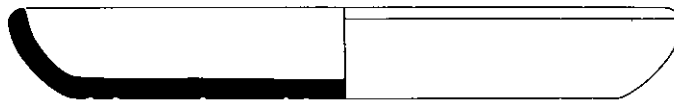
BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. M. (1966). Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée á Bracara Augusta (Portugal), *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, 8, pp. 45-50.
- ALARCÃO, A. M. e A. N. MARTINS (1976). Uma cerâmica aparentada com as "paredes finas" de Mérida, *Conimbriga*, XV, pp. 92-109.
- ALARCÃO, J.; M. DELGADO; F. MAYET; A. M. ALARCÃO; S. PONTE (1981). *Atlante delle forme ceramiche. I. Ceramica fine romana nel Bacino Mediterraneo (medio e tardo impero)*, Suplemento de la Enciclopedia dell'Arte Antica, Roma.
- CAMAÑO GESTO, J. M. (1979). Marcas de alfarero en cerâmica romana encontradas em Gália, *Gallaecia*, 5, pp. 63-95.
- DELGADO, M. (1967). Terra sigillata clara de Conímbriga, *Conimbriga* VI, pp. 47-128.
- (1976). Céramiques à engobe rouge non grésé, *Fouilles de Conimbriga* VI, pp. 52-58.
- GOUDINEAU, Chr. (1970). Note sur la céramique à engobe interne rouge pompéien (*pompejanisch-roten Platten*), *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire*, École Française de Rome, LXXXII, Paris, pp. 159-186.
- HAYES, J. W. (1972). *Late Roman Pottery*, London.
- MAYER, F. (1984). *Les Céramiques Sigillées Hispaniques*, Paris.
- MARTIN, Th. (1977). Quelques formes inédites de sigillée claire D, *Figlina* 2, pp. 99-106.
- MENÉNDEZ LHORENTE, A. (1995). *Aportaciones a la Carta histórico-arqueológica de la Comarca de Valdeorras: La cerámica sigillata* (tese policopiada), Orense.
- PALOL, P. de (1969). La necrópolis de San Miguel del Arroyo y los broches hispanorromanos del siglo IV, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, XXXIV-XXXV, Valladolid, pp. 93-160.
- PALOL, P. e J. CORTES (1974). La villa romana de la Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palência). Excavaciones de 1969 y 1970, *Acta Arqueológica Hispánica*, 7, vol. 1, Madrid.
- PEACOCK, D. P. S. (1977). Pompeian Red Ware, *Pottery and Early Commerce* (ed. Peacock, D. P. S.), London, pp. 147-176.
- PEÑA, J. Th. (1990). Internal Red-slip cookware (Pompeian ware) from Cetamura del Chianti, Italy: mineralogical composition and provenience, *American Journal of Archaeology* 94, n° 4, Michigan, pp. 647-661.
- RIGOIR, J. (1968). Les sigillées paléochrétiennes grises et orangées, *Gallia* XXIV, Paris, pp. 177-244.
- SOUSA, J. J. R. (1971). Cerâmica típica de Braga, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia II*, Coimbra, pp. 451-455.
- V. V. A. A. (1975). A propos des Céramiques de Conimbriga, *Conimbriga*, pp. 9-21.

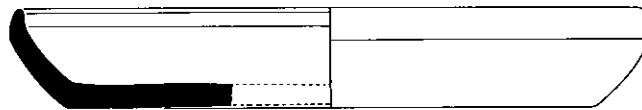
Est. I



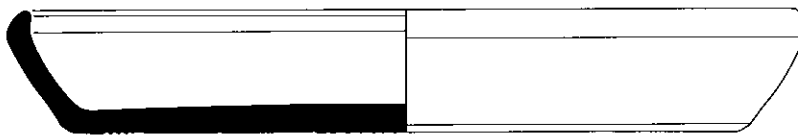
1



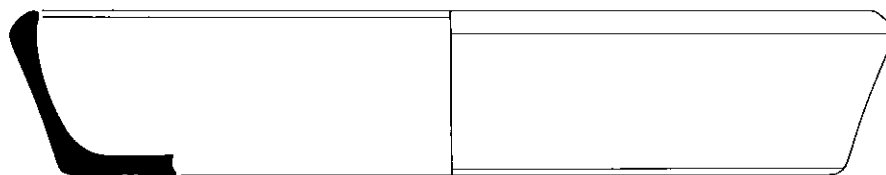
2



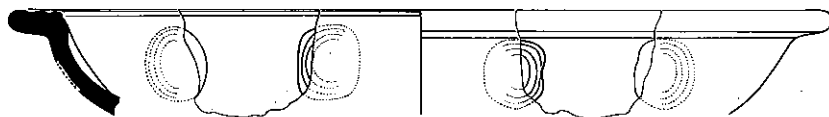
3



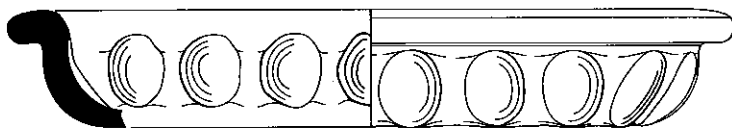
4



5



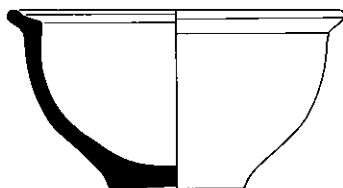
6



7



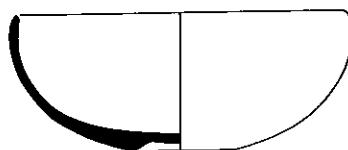
8



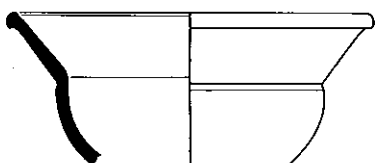
9



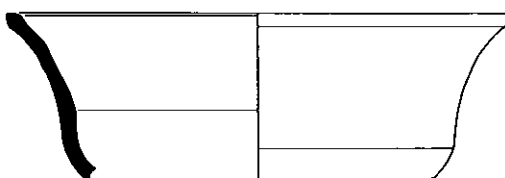
10



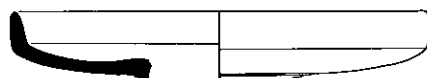
11



12



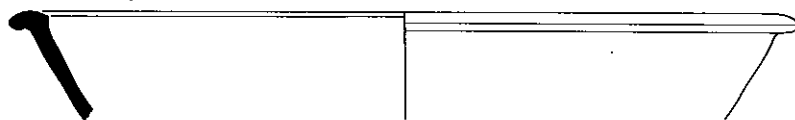
13



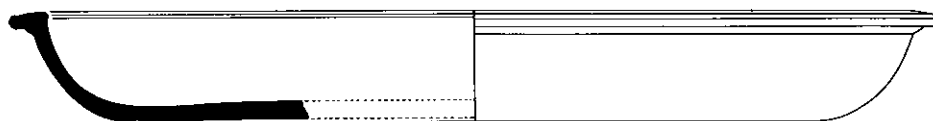
14



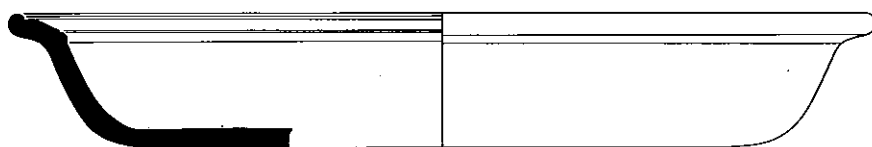
15



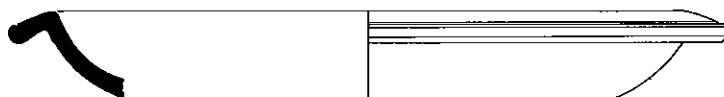
16



17



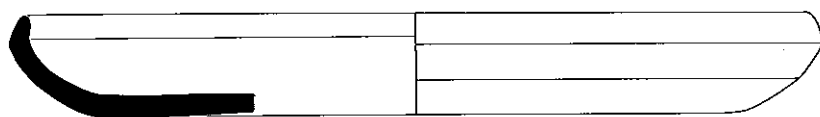
18



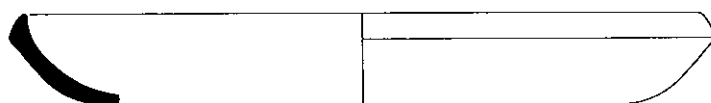
19



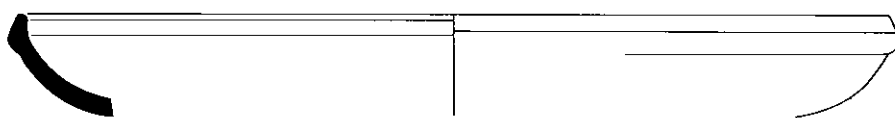
20



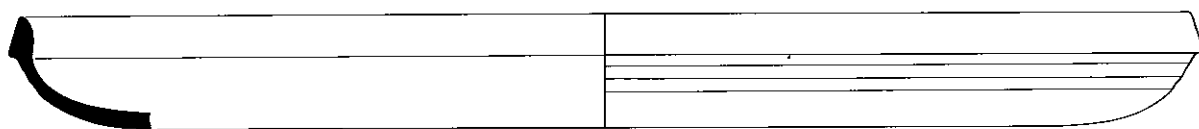
21



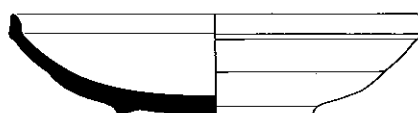
22



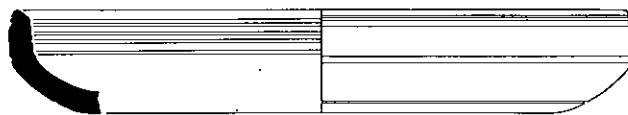
23



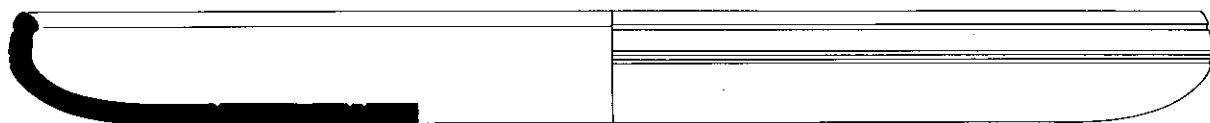
24



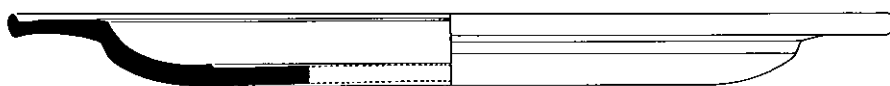
25



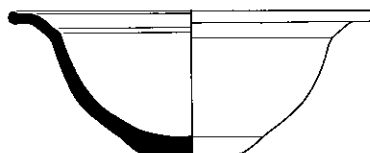
26



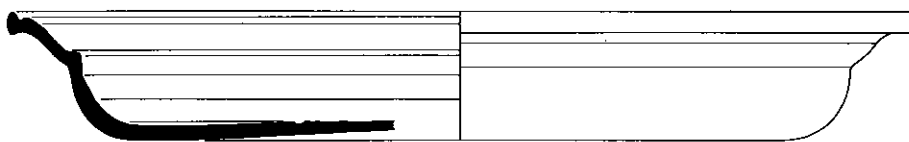
27



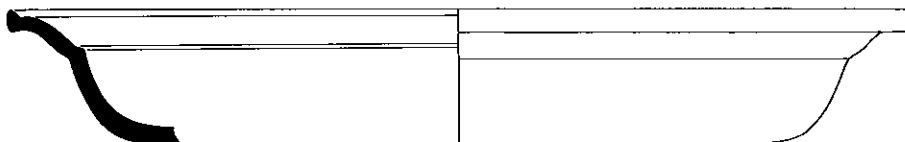
28



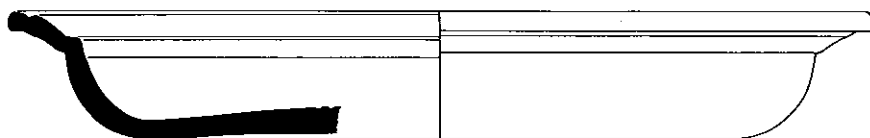
29



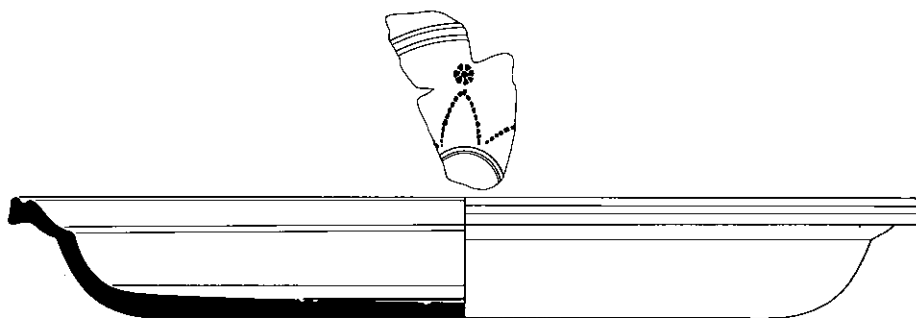
30



31



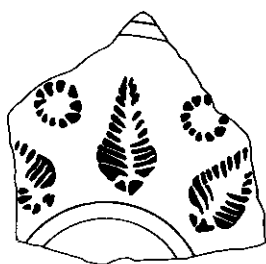
32



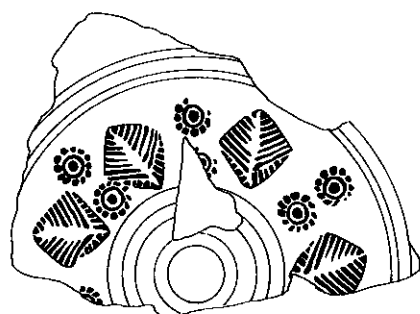
33



34



35



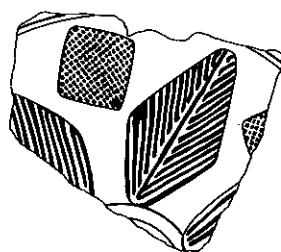
36



37



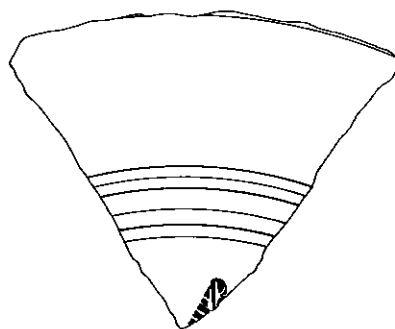
38



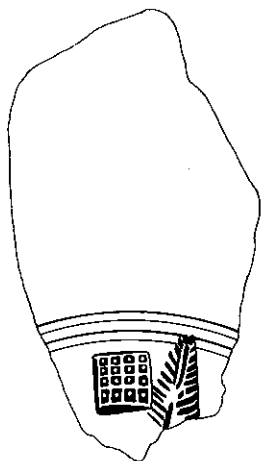
39



40



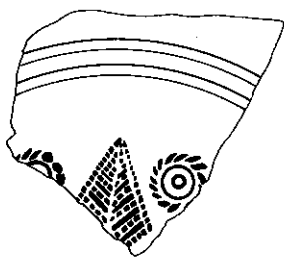
41



42



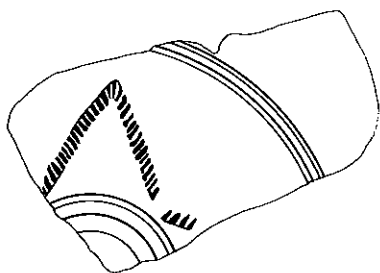
43



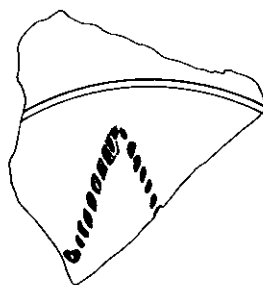
44



45



46



47



Mapa de localização das áreas escavadas: 1 Cardoso da Saudade; 2 Rua N.ª S.ª do Leite; 3 Quinta do Fujacal; 4 Zona das Carvalheiras; 5 Termas do Alto da Cidade; 6 Seminário de S. Tiago; 7 Zona do Antigo Quartel das Carvalheiras; 8 Salvamento do Quarteirão da rua Gualdim Pais; 9 Sondagens no claustro do Largo do Paço.